AUTORES & LIVROS

Ano III
11/4/943

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Leão *(Da Academia Brasileira de Letras)*

Vol. 10
Núm. 12

COELHO NETTO

Noticia sobre Coelho Netto

[illegible] Henrique Maximiano [illegible] Netto em 21 de fevereiro [illegible], na cidade de Caxias, [illegible]. Foram seus pais An[illegible] Fonseca Coelho, por[illegible] e Ana Silvestre Coelho, [illegible] que era exímia nos [illegible] de agulha.

[illegible] o pequeno Henrique [illegible] de idade, quando os [illegible] transferiram para o Rio. [illegible] os primeiros estu[illegible] o tio Rezende, irmão do [illegible] guarda-livros que amas[illegible] latinas e os por[illegible] e que lhe transmitiu [illegible] estudos. Um ou [illegible] depois, está matricula[illegible] Colégio Jordão, e ao en[illegible] é capaz de ler Cícero [illegible]. Passa depois a fre[illegible] o Mosteiro de S. Bento, [illegible] fica durante um ano. [illegible] anos, está matriculado [illegible] do Colégio Pedro [illegible] segue as aulas até o 5.º [illegible] os estudos de Medi[illegible] deste logo em come[illegible] bem com a amos[illegible] infinitos circulíficos. [illegible] Direito, e em [illegible] em São Paulo, matri[illegible] Faculdade Jurídica.

[illegible] revoltado encontra [illegible] ambiente para deste[illegible] e ele se vê, [illegible] comprometido num [illegible] dos estudantes con[illegible] Adivinha re[illegible] e para evitá-las, re[illegible] o curso no Re[illegible] grande homem que, [illegible] momento, domina a [illegible] espiritual do Norte, To[illegible] faz uma boa mat[illegible]. Aprovado no Recife no [illegible] ano, regressa a São [illegible] onde cursa o segundo [illegible] entregue ardentemente [illegible] abolicionistas e re[illegible], que arrebatam a [illegible], e essa atitude lhe [illegible] incompatibilidades profun[illegible] certos meretos conser[illegible] severos e prestigiosos. [illegible] Netto desgosta-se, e em [illegible] por findos os seus es[illegible] [illegible].

[illegible] seguinte, está residindo [illegible]. Logo se torna com[illegible] colégio de José do Pa[illegible] na campanha abolicio[illegible] Princesa na "Gazeta da [illegible] e depois passa a "Ci[illegible] Rio", onde chega a [illegible] o cargo de secretário. [illegible] seus biógrafos, Arthur [illegible] os primeiros [illegible] publicadas terão sido [illegible] página apare[illegible] "Gazeta" um soneto [illegible] do Comércio" desta ci[illegible] mas [illegible] políticas e contos [illegible] "Mãe e uma Noite" [illegible] foram publi[illegible]. Aceitando com a nossa [illegible] e a informação, [illegible] Lincoln que Arthur [illegible] tenha fornecido a [illegible] trabalhos fo[illegible] — [illegible] [illegible] fazer [illegible] [illegible] da mesma [illegible] do Rio" — [illegible] o biógrafo [illegible] Coelho Neto e Arthur A[illegible]

[illegible] Gazeta [illegible] — [illegible] Coelho Neto — no dia 28 de novembro de 1924.

Brandão (Gaby), filha do conhecido educador Alberto Olímpio Brandão. Do seu casamento lhe nasceram quatorze filhos. D. Gabi faleceu em 1 de dezembro de 1931.

Tambem no ano de 1890, foi nomeado para o cargo de secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro. No ano seguinte é Diretor dos Negocios do Estado, da Justiça e Legislação do mesmo Estado. Em 1892, fez concurso para secretário de Legação, tendo como competidores Oscar de Teffé e Silvino Gurgel do Amaral, que chegaram a embaixadores. Era ministro das Relações Exteriores o conselheiro Carlos de Carvalho, e examinaram no concurso Amara Cavalcanti e Graça Aranha. Coelho Netto foi classificado. Mas não quis seguir a carreira. Nesse ano de 1892, foi nomeado professor de História das Artes na Escola Nacional de Belas Artes. Secretário da Comissão Central do Quarto Centenário da Descoberta do Brasil, viajou em 1899 ao Norte do País, recebendo no Maranhão uma comovente e entusiástica manifestação, por parte dos seus admiradores. Foi, igualmente, durante algum tempo, um dos redatores de debates do Senado.

Em 1901, abandona o Rio de Janeiro, transferindo-se residencia para Campinas em S. Paulo. Entra num concurso de literatura do Ginásio de Campinas, e tem como competidor Batista Pereira. Obtem o primeiro lugar e é nomeado. Regressa ao Rio em 1904. Em 1907 é nomeado interinamente professor de Literatura do Ginásio Pedro II, realizando logo depois uma viagem ao Rio Grande do Sul, à Argentina e ao Uruguai, durante a qual pronunciou diversas conferências. Em 1908 foi convidado pelo Barão do Rio Branco para entrar na carreira diplomática, mas não aceitou o convite. No ano seguinte, independentemente de concurso e pelo voto unânime da Congregação era efetivado no lugar de lente de Literatura do Ginásio Nacional. Nesse mesmo ano está na Câmara Federal, como deputado pelo Maranhão. Em 1913 é nomeado professor de História do Teatro e Literatura Dramática da Escola Dramática, sendo logo depois diretor do estabelecimento. Em 1913 esteve na Europa, visitando a França e Portugal. Em 1917, foi reeleito deputado pelo Maranhão, sendo designado para a Comissão de Diplomacia e Tratados da Câmara dos Deputados. Em 1919, foi eleito secretário geral da Liga de Defesa Nacional. Em 1921, foi nomeado membro do Conselho Consultivo do Teatro Municipal. Em 1924, foi eleito príncipe dos Prosadores Brasileiros, num concurso realizado pelo "O Malho". No mesmo ano foi designado pelo Governo da República para nosso ministro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário nas festas da posse do presidente Irigoyen, que assumiu o governo da Argentina. Em 1924, a Academia Brasileira de Letras [illegible] candidatura ao Prêmio No[illegible]

[illegible] Coelho Netto é um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Criou a cadeira n.º 2 que tem como patrono Alvares de Azevedo, e na qual foi substituído por João Neves da Fontoura. Na Academia fez parte de várias comissões julgadoras de concursos, tendo igualmente ocupado diferentes cargos da mesa. Foi seu presidente em 1926. Em 1906 recebeu Mario de Alencar; em 1910, Paulo Barreto; em 1916, Osorio Duque Estrada.

Em 1927, fez parte da Comissão do Dicionário, juntamente com Carlos de Laet (que, por sua morte, foi substituído por Medeiros e Albuquerque), João Ribeiro, Laudelino Freire e Augusto de Lima (acadêmicos); Dantro Santos (técnico); Padre Augusto Magne (Etimologista); Fernando Neri, Rodolfo Garcia, Arlindo Leite, Hilton Fortuna e José Sendas Viana (auxiliares). Dos trabalhos da citada comissão, nessa fase, ficou um fascículo, interessantíssimo, que encerra o estudo da letra "A", até a palavra "Abantes".

Com a fundação da cadeira dos Estudos Brasileiros em Lisboa, designou a Academia Coelho Netto para ir exercer esse cargo. Coelho Netto excusou-se.

* * *

Tendo multiplicado a sua atividade em revistas e jornais de todos os feitios, no Rio e em outras cidades, Coelho Netto usou numerosos pseudônimos. Lembremos, entre outros, os seguintes: *Anselmo Ribas, Caliban, Ariel, Amador Santelmo, Blanco Canabarro, Charles Rouget, Democ, N, Puck, Tartarin, Fur-Fur* (na "*Brasra*"), *Manés na* ("*Cidade do Rio*").

* * *

Registemos como principais fontes para a elaboração dessa "Noticia sobre Coelho Netto" o livro de Paulo Coelho Netto, encerrando a biografia de seu pai, e o estudo de Arthur Motta sobre o escritor (*Vultos e Livros*). Para os pseudônimos, veja-se, principalmente, o artigo de Francisco Peixoto "Pseudônimos de literatos" — na Revista da Academia, v. 101.

A IDADE MÉDIA

Coelho Netto

O solo sagrado de Roma tremeu com a entrada dos Bárbaros; ruiu, com estrondo, o trono dos Cesares; dividiram-se as terras, a grande massa foi resultada pelas tribus que afluiam, com vozearada bourasca de bandos os confins, como nuvens de corvos baixando sobre carniça.

Com o seu desmarcado fanatismo, concorreu a Idade Média para o arrasamento dos templos, exaltando a cruz, em volta da qual deviam crescer, multiplicar-se os mosteiros, diversórios em que se abrigaram as letras e as artes, como nas tenedas gregas se homiziavam os suplicantes.

No Oriente, refugiado em Bizâncio, a sucessora de Roma, mantinha-se a cultura da Arte, ainda que comprometida e desbotada com o contacto de ornatos. Foi a Idade Média que provocou a reação, e que depois de inverno, [illegible] o meridiano.

("Folha da Noite" — 12-8-917).

SUMÁRIO

PÁGINA 177:
— Noticia sobre Coelho Netto.
— *A Idade Média*, de Coelho Netto.

PÁGINA 178:
— A Poesia de Coelho Netto:
— *Interrupção*
— *Os cisnes*
— *A lenda*
— *A religiosa*
— *Ser mãe*
— *Invocação aos moços*
— *Canção*
— *Pastoral*.

PÁGINA 179:
— *Ouvindo Coelho Netto*, de Adelmar Tavares.

PÁGINA 180:
— *Mau sangue*, de Coelho Netto.
— *Meditação sobre o progresso*, de Coelho Netto.

PÁGINA 181:
— *Estudo sobre Coelho Netto*, (trecho do discurso de recepção na Academia Brasileira), de João Neves da Fontoura.
— Dois juizos de Machado de Assis sobre Coelho Netto:
I — *Miragem*
II — *O Rei Fantasma*

PÁGINA 182:
— Dois autógrafos de Coelho Netto:
— *A Primeira Palavra*
— *Esmola*
— *A morte de Coelho Netto*, de Humberto de Campos.
— *A Coelho Netto*, de João Ribeiro.
— *O trabalho dos pioneiros*, de Coelho Netto.

PÁGINA 183:
— *A gota dágua e as nuvens*, de Coelho Netto.
— *Filho de Almeida*, de Coelho Netto.

PÁGINA 184:
— *O Berço*, de Coelho Netto.
— *Juizo sobre Coelho Netto*, (trecho de estudo), de Tristão de Ataide.
— *A obra de Coelho Netto*, de Paulo Coelho Netto.

PÁGINA 185:
— *A obra de Coelho Netto*, de José Maria Bello.
— *Para encantar os ouvidos*, de Coelho Netto.

PÁGINA 186:
— *Vida de Patrocínio* (Trecho do discurso de recepção a Mario de Alencar, na Academia Brasileira), de Coelho Netto.
— *A noite deve ser quieta*, de Coelho Netto.

PÁGINA 187:
— *Onofre, o terrível, ou a sede de justiça*, de Marques Rebelo.
— *Em louvor de Nazir*, de Manuel Bandeira.
— *Correspondência de escritores* (carta de Alvares de Azevedo a sua mãe).

PÁGINA 188:
— *O poeta e o alemão*, de Murilo Mendes.

PÁGINAS 189, 190, 191:
— "*Santos*" de Ribeiro Couto.
— *Metodologia da Literatura Brasileira Contemporânea*: 1.ª série — *Antologia da Poesia IV* — Ribeiro Couto: — *Chuva*
— *Noite monotona de um poeta enfermo*
— *A vigília da mãe fatigada*
— *O desconhecido*
— *O domingo*
— *Atlântico*
— *Caizinho branco*
— *Contentamento*
— *João Nogó*
— *Polémicas*
— *Cachaça*
— *Café*
— *Fumo*
— *Cemitério*
— *Santos*
— *Consolações do caboclo devoto*
— *Tocadas de Wittemburgerica*
— *Amsterdam*
— *Melanho do exilio*
— *As esfiladas*
— *Os beijos*
— *Noite*
— *A invenção da poesia brasileira*
— *Diálogo sobre a felicidade*
— *Insônia*
— *O noturno da Vila Abernessia*.
— Algumas questões bibliográficas relativas à obra poética de Ribeiro Couto.
— *Ribeiro Couto* (nota biográfica, com um traço feito por Pacheco).
— Bibliografia de Ribeiro Couto.

PÁGINA 192:
— *Os companheiros de outro tempo*, de Mucio Leão.
— *Navio pirata* (fac-simile" de autógrafo de Ribeiro Couto).
— *O quadro de Academia Brasileira em 1943*. (M).

A POESIA DE COELHO NETTO

Interrupção

A JOAQUIM CARIUM FILHO

"Doença — [illegible] os amores
Se vão [illegible] importuna
[illegible] hábitos [illegible]
Não [illegible] ao berço
[illegible] nascer.

Não é [illegible] de lesa [illegible]
[illegible] o ar [illegible]
"Nem [illegible] — volver o [illegible] — e ela, —
Um [illegible] morta."

. . . . . .

E [illegible] a [illegible]
Fora a [illegible] sublime e [illegible]
De uma [illegible] de [illegible] e branca
Dominava a [illegible] estrela.

. . . . . .

"Sim [illegible]" disse a [illegible]
"E eu [illegible]" [illegible] o [illegible]
E o [illegible] [illegible] com [illegible]
Uma [illegible] quadras no [illegible].

[illegible]
E [illegible] [illegible] e [illegible] [illegible]
Atalaia e [illegible],
Como se [illegible] [illegible] incansavelmente.

E [illegible] a porta,
Um [illegible] [illegible] apedrejado
E [illegible] de dor e de [illegible]
[illegible] a [illegible] [illegible] e [illegible]
"Não [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] morta!"
E [illegible] [illegible]

"Por [illegible] [illegible]!"
E a [illegible] [illegible]
"Perdeu [illegible] um [illegible] natural
Para [illegible]"

[illegible], de 19 de julho de 1884 — Acad. Lit. S. Pedro.

Os cisnes

Como um bando de [illegible] de neve
Sobre um [illegible] de seda transparente,
Eles [illegible] e em [illegible] leve
Sofreiam a voz [illegible] e [illegible]...

Pousavam como as [illegible] que [illegible]
Que se [illegible] do céu em [illegible] [illegible],
Como as [illegible] de [illegible] [illegible] divaria
Dos [illegible] [illegible] [illegible].

E [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible] flores,
Que [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Em [illegible] [illegible] as [illegible] de mil cores.

E [illegible] [illegible] [illegible]
Narcisos [illegible] [illegible]. Meus amores
Celestes [illegible] como [illegible] [illegible] penas.

(O *Cruzeiro*, de 19-6-1883).

A lenda

(A JOAQUIM BAPTISTA FILHO)

Dizem que à noite aparece
Nas franças do palmeiral
Branca dama que estarrece
Logo ao clarão matinal.

Assim no meu peito vive
O sem-semblante nevado
Lembrança do amor que tive
Não [illegible] de meu passado.

E mal aparece a aurora
E mal se desfaz o sonho,
Todo o meu ser se evapora
Suave, [illegible] e risonho.

(O *Liberal*, de 11-8-1884).

A relíquia

PROLOGO

CENA V

TOPSIUS A *IMPRENSA*

Aonde [illegible] [illegible]
Que [illegible] [illegible] [illegible]
Quem é, senhora?

A IMPRENSA

Um poeta.

TOPSIUS

E aquele [illegible]?

A IMPRENSA

Tatuíra.

1º poeta *a Topsius, mostrando os papéis:*

Tenho aqui matéria para
Cinco ou seis volumes [illegible]
Vivam de [illegible] [illegible]
Poemas de [illegible] [illegible]
Quer editá-los?

TOPSIUS

Está [illegible]

2º poeta *à Imprensa*

Publique-se um conto, A Vaga,
Não dois cadernos.

A IMPRENSA

E pouco!?

(Outro lado) Eu tenho a matéria paga.
Fica para uma outra vez
Desculpa... não posso agora
Mais tarde, sim?

2º POETA

Sim, senhora.

Os dois à Imprensa
Quando quiser... no café.

Vão a sair e esbarram com o Conte-se Sarah, que entra. Desdenhosa.
Mais cuidado, funcaria!
Sentam-se ao fundo, gesticulando como dois maníacos.

A CONTESSE SARAH, *à IMPRENSA*

Petite, vous tu de moi?

A IMPRENSA

Olá se quero! Vem cá... *(Abraça-a)*
(A Topsius) Isto é que faz a alegria
Dos meus honestos fregueses
Não há pena um sofá!
Como os romances franceses.

TOPSIUS

E por que?

A IMPRENSA

Ora... Porques
Porque não há. Com licença.
(Começa a despir a Contesse).

TOPSIUS

Que faz?

A IMPRENSA

Traduzo o romance

TOPSIUS

Vai pô-la nua?

A IMPRENSA

Decance.
Vou só vestê-la

TOPSIUS, *aparte*

Que Imprensa!

A Imprensa tira as roupas da Contesse e veste-lhe uma túnica azul e branca.

A IMPRENSA, *radiante.*

Vês?

TOPSIUS

Se vejo!

A IMPRENSA

Faz diferença?

TOPSIUS

Se faz diferença? Total!

A IMPRENSA

Os leitores do jornal
Vão desmanchá-la

TOPSIUS, *aparte*

Que Imprensa!

A IMPRENSA

Apesto em como a Relíquia,
Apesar dos seus primores,
Não terá tantos leitores
Como a Contesse

TOPSIUS furioso

Deslique-se!

A IMPRENSA

Deslique! não creia em tal:
Meu caro, eu sei com quem lido
O povo que lê jornal
Só lê o que não é lido.

(Abraços à Contesse).
Da revista *A Relíquia*.
(Novidades, 28-1-1888.

Ser mãe

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
O coração; ser mãe é ter no alheio
Lábio, que suga, o pedestal do seio,
Onde a vida, onde o amor, cantando, vibra;

Ser mãe é ser um anjo que se libra
Sobre um berço dormindo; é ser ansiosa,
E ser temeridade e ser receio,
E ser força que os males equilibra!

Todo o bem que a mãe goza é bem do filho,
Espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho.

Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso!

(Novidades, de 28-1-1888).

Invocação aos moços

Eia, aguilhão do [illegible] dos [illegible],
Tu que [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Vem [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
E se [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Abrindo [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Logo a [illegible] [illegible] [illegible]
Bem [illegible] [illegible] [illegible]
Escapela-se o mar em [illegible] [illegible]
E a Natureza [illegible] [illegible]
Ante o [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
O' [illegible] [illegible], senhor dos [illegible],
Só [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Desde Genova [illegible] [illegible], onde o Destino
Pôs o berço [illegible] [illegible]
Que deveria dar ao Velho Mundo,
Como foi dada a Filipe [illegible]
Por companheira [illegible] [illegible] [illegible],
A verde flórica e [illegible] América,
Os [illegible] que [illegible] [illegible] [illegible],
Gente de [illegible] [illegible] e [illegible]
Eles que abriram nas [illegible] [illegible] [illegible]
Caminho à Fé e à Lei, [illegible] à semente
E fizeram surgir das terras [illegible],
Toda de troncos, [illegible] e [illegible]
O estendal [illegible] das [illegible];
E onde [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Apareceram [illegible] e [illegible],
Os que estão a [illegible] [illegible] [illegible],
São [illegible] que [illegible] [illegible] [illegible]
Em que saíram por amor da Pátria,
Trazem por [illegible] [illegible] da bandeira;
Falam entre si [illegible] [illegible] que [illegible] [illegible].
E [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]! Hosana!
Trovade a fio [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Rebolem [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Rebrilhe o [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Vibrem [illegible] [illegible] [illegible]
Que os [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Ao som de [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Que a vitória [illegible] [illegible] [illegible]
Ao menos, [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Uma parte [illegible] [illegible] [illegible]
Com que a [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible].
Não! A vós, Mocidade e que compete,
Vós que sois o calor, a chama viva
O entusiasmo [illegible] [illegible] o [illegible] o [illegible],
Acaso, [illegible] [illegible] [illegible]? Não!
Vós, que [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] outrem,
Vibrar agora [illegible] [illegible] [illegible]
Quem teve [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Palmas ao [illegible] [illegible] [illegible] para [illegible]
Palmas à [illegible] [illegible] [illegible]
Que nos trazem a [illegible] [illegible] [illegible]
E o Brasil que se [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Reme em que [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] à
Tendo Santos [illegible] [illegible] [illegible]
Que, entre os [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
A [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] do Brasil!

COELHO NETTO

(Jornal do Brasil, 24-10-[illegible]

Canção

I

Pastora que vens da feira,
Pastora que eu acompanho,
Não vês que do teu rebanho
A ovelha [illegible] [illegible]?

Ai de ti, [illegible] [illegible]
Tem cerrado [illegible] [illegible]!

II

Não te prendas à [illegible]
Que canta nos [illegible],
Olha lá que se desmaia
Tua alma e não a vês mais.

Ai de ti, linda pastora,
Que se vai tua alma [illegible]!

III

Não dês ouvidos ao canto,
Foge ao que diz o [illegible]
Que o amor [illegible] [illegible] [illegible] pranto
Como quer [illegible] a flor.

Ai de ti, linda pastora
Vai-se-te a fortuna [illegible]!

(Pastoral, p. [illegible]).

Pastoral

I

"Não te [illegible]", disse a velha,
"A luz fria do [illegible]
Dizia que se [illegible] a ovelha,
Cado não te há de [illegible]
E' o lobo, e não a [illegible],
Que te atrai no seu amor,
Não saias, [illegible] [illegible],
Ao luar..."

II

Mas a moça [illegible] [illegible],
Ouvia a ovelha [illegible]
Tão triste e [illegible] [illegible],
Que não pôde [illegible] [illegible]
E enquanto a velha [illegible],
Fugiu, deixando o seu lar,
Era claro como o dia
O luar.

III

Desde então anda escarrada
Pela montanha a chorar,
A pobre moça [illegible]
Naquela noite de luar.
A lua é mãe da tristeza
E é mais traidora que o mar.
Desconfia da beleza
Do luar.

(Pastoral, p. 51).

Ouvindo Coelho Netto — Adelmar Tavares

(Página de uma série de entrevistas com escritores e poetas, publicadas no "Jornal Pequeno", de Recife, em 1924).

Saída da Academia Brasileira, dia de sessão pública, noite [illegible] todo encapotado, o chapéu mole de abas [illegible] o pescoço em manta negra, as mãos mergu[illegible] de inverno, Coelho Netto que esta a tomar o [illegible] para casa.

— [illegible]... digo-lhe meio tímido, com essa timidez [illegible], diante dos homens de minha admiração, — quan[illegible] para o "Jornal Pequeno?"

— [illegible]... hoje... Amanhã... Por que não, hoje? [illegible] ... Esperarei.

— [illegible] bem... leve horas...

— [illegible]erto... Nove horas... E é impaciente, como um [illegible] para quem os minutos se arrastam, que após um [illegible]rio numa sala de hotel, espero que os porteiros do [illegible] aproximem do grande, do admirável prosador dos [illegible] do maravilhoso claviculário do mais opulento te[illegible] da Língua. A casa de Coelho Netto fica nas [illegible] a esquina de Ro[illegible]o com Guanabara, com um jar[illegible] onde abrem rosetas, e se enramam paritárias [illegible] de ferro, e entre árvores, umas árvores muito jun[illegible] galhos verdes, como a resguardarem de [illegible] a casa, o recanto de meditação do Artista. Ai [illegible] cigarras, rechinantes, pelos dias longos de estio; ai [illegible] abrigam centenas de passaros, que ao romper [illegible] entram a barulhar numa alegre algazarra de [illegible], e cantos, rolando pelos ramos, debatendo-se [illegible] janela do cavalete das "Paxarinhas".

Não me dão direito ao sono das madrugadas, esses im[illegible] pas arrinhos! — lembro de m'o ter dito, ele, uma [illegible].

[illegible] transponho os umbrais da morada Coelho Netto, [illegible] a companheira, Anjo e Mulher do grande Mestre, [illegible] recebe com encantadora simplicidade. Um minu[illegible] frente a frente ao Fascinador. Coelho Netto [illegible] em face a uma grande mesa manuelina onde repou[illegible] volumes, e tiras escritas, abrindo a correspon[illegible] com uma espátula de argento, e um cuidado fe[illegible]. E' um metódico. Tudo muito bem disposto, muito [illegible] certo, muito limpo, como se fora uma lauda por [illegible] letra tão [illegible]ticamente sua. Cartas [illegible], jornais, livros envolvidos a cordel, lacrados com [illegible], acabados de chegar pelo mensageiro da [illegible], envelopes contendo retalhos de publicações, [illegible] livraria... Uma grande sala repleta de estantes [illegible] dedicando para a rua, e para o jardim; — qua[illegible] cabeça a "crayon" de lapis lustres; retratos [illegible] Berchstein aberto ao canto da sala, ressoante [illegible] tenta, não eu bem percebera ao chegar... Um [illegible] de Ja sua ascendendo sobre uma coluna negra de [illegible] de rosas frescas, do dia. Sobre o bronze, [illegible] também com flores, uma pequena moldura [illegible] uma fotura apolínea de rapaz, — a fronte espa[illegible] ... Reconheço-o é o "Mano!" e caio para não tanger [illegible] daquele lar.

[illegible] velho! E' a vida da abelha! ... Sempre a rodar, [illegible] Está em casa... Estava a ver a corres[illegible] ... Só agora!... Se lhe disser que é todo o dia [illegible]. Vivemos vertiginosamente. Não há tempo!... [illegible] tempo!...

[illegible] o vê...

[illegible] por isso. Se vivo a trabalhar! Se tenho [illegible] contadas, minuto a minuto. Hoje só deito o [illegible] para a Academia, ou para a Escola Dramática, [illegible] para a uma obrigação social inexcusável. O mais, [illegible] sem trégua, neste meu arsenal. E' pena, e papel, [illegible] se me proibissem de trabalhar, morreria... Faz [illegible] meu médico achou por bem aconselhar-me um [illegible]. Ja "morrendo da cura! E' o que lhe digo". — [illegible] ri com alegria do seu afã.

Mas não o vejo... E' raro vê-lo nas livrarias, nem mes[illegible] uma que é a coqueluche do Rio de Janeiro.

Ora, meu velho (Coelho Netto usa carinhosamente essa expressão) se me for a prosear nas livrarias, a ver cinemas, que colherei para o farnel da viagem?... Veja bem, madrugo com os passaros. Tomado o café, e acendido o cigarro, entro a trabalhar até hora do almoço. Feita a refeição, repouso. E' hábito antigo. Meus íntimos já sabem que entre meio-dia e duas horas, repouso. As duas, recomeço a jornada até o jantar. Só interrompo para a Academia ou para a "Dramática", que é, como já lhe disse, uma especie de filha, a quem tenho dado sangue e coração". E o rendilheiro encantador de "Esfinge" has[illegible] entra a h[illegible] de como nasceu a "Escola" que dirige as lutas com a indiferença oficial, as ingratidões de uma, e o devotamento de outros, os seus momentos de desalento e a sua persistência de lo[illegible] tudo isso a colorir, a viver, a fanhar, a louvar na sua "causerie" que é uma verdadeira obriedade.

— Teve sempre a paixão do "Teatro"...

— Sempre; e a propósito, vou ler o primeiro ato de "Vitória..." E' uma peça que estou fazendo para o Prôes. Que belo talento tem esse demônio!... Confirmo com entusiasmo, e Coelho Netto descreve pelo feitiço de sua palavra o primeiro ato de sua peça, cheia de movimento, de ação, de s'bração, e atualidade. "Ando pensando o 2.º ato, e o 3.º já o tenho mentalmente gisado. Questão de um pouco de calma, uns tantos cigarros... e..."

— Fuma muito quando escreve, veja que em seu cinzeiro não há mais onde pôr...

— Ah'... Interessante, é que começo a escrever faço fogo a um cigarro, puxo a primeira fumaça, a segunda; deito o cigarro sobre a mesa; a idéia empolga-me, e vou escrevendo, escrevendo, escrevendo, e esqueço o cigarro. Quando me lembro, está apagado... Lanço-o ao cinzeiro, e acendo outro... "E como a história se repete..." vê v. o cinzeiro cheio...

Rimos jovialmente. Servem-nos café, e enquanto o bebemos, gole a gole, com delícia na noite agora enxuta e fria, arrisco uma das interrogações da minha "enquête":

— Seu pendor literário?... Concorreu para a sua formação literária... Penso que li sim...

— Ah! atalhou Coelho Netto, os olhos vivíssimos através do pince-nez... Leu no "Momento", de Paulo Barreto. Está lá. Sofri mais a influência de pessoas que de autores. Foram as histórias das "Fadas", das "Rainhas", das "Princesas Encantadas", que tiveram no meu espírito uma influência definitiva... Lá está o livro que mais me impressionou, "Mãi e uma noites". E' uma verdade... Só não está das pessoas a que mais influência teve. Foi uma velha... A d. Rosária! Parece que vejo ainda a sua figura branca, silenciosa, os gestos mansos... Tão boa, ela!... (Coelho Netto tem os olhos magoados, como que úmidos, e a voz sentida!) Você não pode imaginar como [illegible] dessa santa criatura viva impressão! Teria meus 8 a 10 anos de idade, mas a sua voz, as suas histórias são como de ontem... No "Canteiro de Saudades", um dos meus novos livros a sair, dedico-lhe algumas páginas. Tinha coisas sucraçadas, ela!... Abusões!... Superstições!... Presentimentos!... Por exemplo: — Ela, como minha mãe, não gostava que se apagasse o lume... Um fosforo que ardesse... a chama de uma acha na fogueira, entendia que se devia extinguir por si mesma... "Faz mal matar o fogo!..." dizia — "O fogo tem alma!" [illegible] mais esqueci essas coisas!... Recordo ainda o quartinho em que ela morreu... A sua figura morta... de como [illegible] nas suas mãos, muito finas...

E enquanto Coelho Netto silencia, tocado daquela [illegible] lação, evoco aquela outra figura de quem nos fala Rousseau, nas suas "Confissões", com tanta saudade, a Tia Suson, cujas cantigas de adormecer lhe implantaram a paixão pela música!... "Ah! daria tudo! tudo! para ouvi-as de novo, as canções da Tia Suson! Hoje, velho e ralado de penas, surpreendo-me às vezes a chorar como um menino, quando me vem ao pensamento apenas aos pedaços, as velhas árias outrora ouvidas..."

— Além do "Canteiro", você tem a sair?... pergunto para tirar daquele extase melancólico, o sentimental do "Jardim das Oliveiras".

— Tenho ainda "Fogo-Fátuo", "Bazar", "Feira-Livre" "Imortalidade", "Vencidos", Mistérios", "Poranduba" que é um livro de contos indígenas, "Fé", Vitória", cujo primeiro ato li, há pouco. De modo que agora excederei o centenário de obras que vocês, bem contra minha vontade, querem festejar.

— Admiravel. Incansavel, você, grande Mestre.

— E ainda uma porção de contos que tenho para organizar e enlivrar.

— Não sei se leu, pergunto, num desses mensários, as festas a Pirandelo por ter completado a sua tricentena de contos publicados.

Pois, meu velho, devo ter muito mais (E abrindo um caderno de notas): Orçam por uns 375. Não é uma fortuna?! — diz Coelho Netto, brincalhão. No entanto, sabe V., que eu sou cada vez mais rico... mas de fé, de sonho e de esperança na minha Pátria. Sabe que sou de Caxias, do Maranhão, daquela "terra dos algodoeiros e das odes, das palmas verdes e dos sabiás", da bravura e do lirismo. Sou como os ipês da serra, meu caro, que quanto mais velho, mais reflorescem... Que amor pela minha terra, que orgulho dos seus grandes homens, dos seus Artistas, dos seus Guerreiros de sua História! Meu grande sonho é publicar a minha "História do Brasil" em 8 volumes — (Agora Coelho Netto está de pé, transfigurado na hora silenciosa — retendo-me nas suas, a mão que lhe apresento em despedida). Pátria, com esta, meu velho, como a nossa é Pátria dos Homens e dos Deuses. E' uma Hellade sotemporânea! E' imortal! Ela tem seiva eterna nos jequitibás dos suas florestas, e nervos de ferro nas suas entranhas. E' Brasil!... E' fogo!... E' labareda!... (Netto acompanha-me até à porta, sempre com a minha mão nas suas, carinhoso). Creio nele como nas forças do Além!... Sou espiritualista. Mas Espiritualista puro! E acredite, como acredito. (Ele tem os olhos iluminados de confiança). Quando deixar de bater na terra, meu coração, meu espírito voarão no Espaço, mas no Espaço em que lançou meu Sol, balançou meu berço, floresceu meu Amor! — no Espaço brasileiro.

Saio. Aspiro o perfume do jardim úmido e trescalante. Olho o céu... Estou feliz. Na noite profunda e negra, fria e enxuta vejo uma estrela isolada... Vejo outra... Caminho. A esquina, volto-me para olhar, ainda uma vez, a morada da Vi[illegible]ta... Sobre a casa, ardia toda um brazeiro de estrelas, atraídas, de certo, como abelhas de ouro, pela magia da Palavra Fascinadora.

Coelho Netto no começo do século

Coelho Netto, em um dos desenhos que acompanham suas obras, na edição portuguesa de Lello Irmão

Retrato da maturidade de Coelho Netto (desenho sem assinatura de autor, que acompanha varias obras do escritor, na edição de Lello Irmão)

Coelho N[illegible] [illegible] de [illegible]

Netto em seu gabinete de trabalho, ao ser entrevistado para a Revista da Semana", pelo sr. Francisco Calvão (s. "Revista da Semana", 26-6-1933)

MAU SANGUE — COELHO NETTO

[illegible]

— [illegible]

— [illegible]

— [

Estudo sobre Coelho Netto -- [Trecho do discurso de recepção na Academia Brasileira]

JOÃO NEVES DA FONTOURA

DINAMISMO E O PODER VERBAL

[illegible] grandes forças da [illegible] Coelho Netto [illegible] e no poder [illegible] o [illegible] na [illegible] [illegible]. Se [illegible] [illegible] [illegible]

DOIS AUTÓGRAFOS DE COELHO NETTO

A primeira palavra

Como aprendi eu a falar?
As palavras vieram commigo infinitas, desarticuladas e, pouco a pouco, as fui compondo, syllaba a syllaba, e applicando-as aos respectivos seres e objectos que designavam.
A primeira que balbuciei foi o appellativo de minha mãe, por ser ella a imagem que eu tinha sempre diante dos olhos. Mal os abria do somno logo a encontrava a mirar-me, inclinada sobre o meu berço, como o céu se curva sobre a terra.

. . . . . .

Coelho Netto

"A Primeira Palavra" — um autógrafo de Coelho Netto

Dona Gabi!

[illegible]

"Gerente!..." uma crônica de Coelho Netto. Escrita quando ele residia em Campinas, professor de Lítera[illegible] do Colégio [illegible], que na dedicatória de "Conferência" de Amparo. O original pertence ao sr. Antenor Cavalcanti, residente em Amparo

A morte de Coelho Netto -- HUMBERTO DE CAMPOS

Dormes, desde ontem ao meio dia, no seio da terra, o meu querido Coelho Netto. E eu escrevo isto de olhos enxutos. Há muitas semanas esperava a notícia terrivel, do desenlace fatal. E ao recebê-la, chorei. Os soluços vieram-me a garganta, e explodiram. Sobreveio, porem, a reflexão. A morte, comparada áquele resto da vida, era um bem, uma esmola de Deus. E recolhi-me a pensar nele, a recordar a nossa estima de vinte e dois anos, e que, durante esse periodo, não foi tolhida jamais por uma suspeita, não sofreu, nunca, um esmorecimento.

Evoco a nossa intimidade, desde o primeiro encontro, na visita que, recem-chegado da provincia, lhe fiz, ainda intimidado com a sua gloria. Foi isso em novembro de 1912. Era noite, e não havia, no gabinete, outros visitantes. E a simplicidade daquele homem ilustre, o carinho com que recebeu o peregrino que chegava de longe, me comoveu. Momentos depois, entrava dona Gabi. O escritor faz as apresentações e, ao fim de alguns minutos, era como se fôssemos velhos amigos e eu estivesse habituado a fazer o caminho daquela casa. Na saleta de entrada, detemo-nos ainda, os três, conversando. Violeta, pequena e sonolenta, vem agarrar-se ao vestido materno, pedindo colo. Dona Gabi suspendeu-a nos braços, beijou-a, e continua a palestrar. E, enquanto palestra, modesta e gentil, acalenta docemente a filha pequenina, que adormece com os bracinhos passados no seu pescoço moreno. Convidado para jantar no primeiro domingo, não falto. E torno, ainda, nos domingos que se sucedem. À cabeceira da mesa, Netto serve a sopa, ele próprio, em grandes pratos coloniais, ornamentados de desenhos azues. A sua direita, dona Gabi, a elogiar todo o mundo, e a receber, com humildade quase infantil as observações do marido, que a trata quase como filha. A esquerda, os comensais da tarde: Bilac ou Gregorio, Murat ou Alcides Maya; ou alguns de nós, os da geração nova, guiosos da sua palavra e do seu jantar. E na outra extremidade da mesa, a meninada: Mano, Georges, Paulo, Zita, João, Dina e Violeta, que se divertem, rindo alto, com as histórias imaginosas do Chico Lambeta, contadas por Anibal Teófilo, que, à semelhança de Sherazada, deixa sempre para o dia seguinte a narração iniciada no mês anterior.... Netto serve a todos, e conversa. E que maravilha é a sua palestra! Que colorido o do seu verbo! Que fertilidade a da sua imaginação!... Um conto normando, uma superstição africana, uma lenda indigena, tudo isso é vestido, por ele, de pedaços de ouro e retalhos de púrpura. De repente, um grito, que vem da outra ponta da mesa.

— Que é isso, Paulo? Comporte-se!

— Papai, foi João que me atirou um pedaço de pão no nariz!

João defende-se:

— Mentira, papai! Foi ele que me atirou sopa na cara!

— Eu, não, papai! Foi Zita!

Zita intervem:

— Mentira dele, papai! Eu estava até conversando com Georges... Não é verdade, Georges?

Ninguem se entende. Netto impõe silêncio: todo calado! E retoma o fio à narração literária, que vinha fazendo, e que ele veste da mais opulenta linguagem, e das imagens mais ricas, porventura utilizadas, em livro ou discurso, nas terras do Brasil.

Em 1913, vou casar-me. Corro à sua casa. Será ele uma das testemunhas do meu casamento. E ele comove-se.

— Você e dona Gabi — acrescento.

No dia seguinte, vão os dois ao tabelião. As procurações ficam assinadas. E seis meses depois, vou levar-lhes, à rua do Rosa, a sua afilhada, que acabava de chegar do Norte. Mais quatro anos.

— Netto, venho buscar você para padrinho do meu filho. Chamar-se-á Henrique... Homenagem ao avô; homenagem, tambem, a você...

Ao publicar o meu segundo livro de versos, o seu nome figura na primeira pagina. Ao pronunciar o meu discurso de posse na Academia, cujas [illegible] ele me abre com o seu p[illegible] lá está a referencia a [illegible] sua e à sua obra. Não o [illegible] nunca. Não o esqueço [illegible] Na Academia, ficam [illegible] nossas cadeiras. Na ve[illegible] entrar para a Casa de [illegible] quando me vou operar [illegible] única visita de despedida [illegible] sua casa. Não havia [illegible] ção grave da minha [illegible] que ele não tenha [illegible] tudo isto, em vinte e d[illegible] sem um ressentimento, [illegible] dúvida, sem uma queixa.

Enquanto pude subir [illegible] ful vê-lo. Quando não [illegible] mais vê-lo, passei a pedir [illegible] diariamente, por telefone [illegible] tícias do seu estado. A[illegible] ante-ontem, me veio angustiar [illegible] tava tudo acabado!

A saudade é, porem, um [illegible] timento que ludibria o [illegible] esforço da Morte. E Coelho [illegible] continuará a viver e a [illegible] na minha saudade. Não [illegible] que, nas minhas visitas, [illegible] guardava silêncio, quando [illegible] falava; mas o que falava [illegible] teora, quando eu me con[illegible] em silêncio. Não o esqueço [illegible] tido na sua cadeira ou na [illegible] cama, quase inerte, indi[illegible] a tudo que o cercava, [illegible] orador magnifico da [illegible] cia acadêmica sobre Ibsen [illegible] necrologio de Lart; o [illegible] nervos, o homem-vida, [illegible] mem-vibração, que dom[illegible] auditórios, pondo-lhes [illegible] o sorriso ou a lagrima. [illegible] critor soberbo, o trágico [illegible] pereano da "Treva", o [illegible] enamorado das "Rhapso[illegible] desbravador que revelou [illegible] pena, lançando-nos aos [illegible] os tesouros de Salomão.

Esse está vivo, e [illegible] meu mestre e meu am[illegible] por isso que, neste [illegible] não choro. E' por isso que [illegible] hora em que todos esc[illegible] anunciam que o glorioso [illegible] cista morreu, eu, como [illegible] dações funerais do [illegible] ergo a voz, e chamo:

— Henrique Coelho N[illegible]

E escuto a resposta, que [illegible] sobe do coração:

— Presente!...

A COELHO NETTO -- João Ribeiro

Um dos grandes prazeres do espirito e do corpo é viajar por terras estranhas.

Aprende-se, ganham-se novas experiências e, por vezes, tudo ainda mais se reflete no vigor da saude e na alegria de viver.

Tenho a paixão das viagens desde a infância, quando avidamente devorei os livros de Julio Verne.

Depois, a muito custo, quanto me permitiam a modestia e a pobreza, abalei para longes climas, cedendo talvez ao velho instinto racial dos navegadores.

Infelizmente as minhas aventuras não foram muitas, nem muito demoradas.

Mais da metade da Europa conheço-a como a conheceu Girardin, viajando sem pedantismo com a ingenuidade de um "badaud".

Sempre preferi aos museus a vida sem arqueologia da multidão viva e das ruas.

Um realce a essa vagabundagem ocorria quando inesperadamente um patricio me chamava à realidade da pátria. Entrenetiam-se os dois prazeres um dentro do outro: a volta súbita à América sem a longa duração do regresso.

Tudo, notícias novas e velhas, e sempre as havia novas, encontraram o forasteiro.

As vezes o prazer do encontro faz-se de outro modo. Um livro, por exemplo, pode recordar-nos a nossa terra distante.

Lembra-me que uma vez "folheando" pelo cais do Sena encontrei os "Versos de um simples", de Guimarães Passos e comprei, (ou troquei-o por dinheiro como se diz para evitar a simonia das coisas sagradas) essa reliquia que religiosamente me evocava a imagem do poeta e as vezes da minha terra.

Enfim, estou a dizer coisas triviais para chegar ao verdadeiro intento dessas linhas.

E é que esl'outro dia, revolvendo uns livros alemães que me davam a ilusão de um regresso à Germânia, encontrei um, o "Livro do amor" (Das Buch der Liebe) onde uma escritora tudesca reunia várias histórias que cabiam naquele titulo.

Eram contos de grandes nomes da ficção: Theodore Storm, o "conteur" germano; Maupassant, Strindberg, Rabindranah Tagore, O. Wilde, Turgeniet...

E entre eles nessa companhia de grandes novelistas, [illegible] me do nosso Coelho Ne[illegible] al figura com um dos [illegible] belos contos, a "Tapeçaria".

Participei um pouco [illegible] honra, vendo o nome [illegible] brasileiro entre os grandes [illegible] relistas do mundo.

Era como se eu [illegible] em viagem por terras [illegible] a voz doce e maternal [illegible] tria que me chamava [illegible] de do sentimento.

Li o conto, saboreei [illegible] linguagem do sertão [illegible] dusir a floresta virgem [illegible] piritampos, e os seus [illegible] com a violência bárbara [illegible] suas expressões primitivas [illegible] quadas à nossa natureza [illegible] vencem.

"Non omnes moriamur"

("Jornal do Brasil" [illegible] 1927).

Coelho Netto aos 40 anos

O TRABALHO DOS PIONEIROS

Coelho Netto

Os pioneiros abrem [illegible] os que vão de vez [illegible] plantam para outrem. Muitos [illegible] Bastantes que se [illegible] perdem sem saber [illegible] aproveitadas no [illegible] de e os que se enfeitam [illegible] nas ignoram que são [illegible] e [illegible] das raízes [illegible] matéria prima [illegible]

Não sei se que [illegible] mais ignominiosa [illegible] dão toda à árvore [illegible] quer o calor do sol e a [illegible] orvalho. Mas há de [illegible] necessário que outros [illegible] para nos um sorriso [illegible]

Toda a mentalidade [illegible] ra e nestra, [illegible] trar no réu [illegible] [illegible]

("O Imparcial" — [illegible]

Busto em bronze de Coelho Netto, por Pinto do Couto

A gota dágua e as nuvens -- Coelho Netto

O, pastores mais velhos juravam não haver, em memória de homem, tempo tão rigoroso como, quando aquele, fertes lugares, como os do abrazado sertão que passava, lento e sufocante.

De tanto trabalhar que parecia não cansar e pelos verdes, renovavam-se abrasando, com as suas vozes, o ar, o ar, o céu, quase todos os zagais, abandonavam as pastagens, montesinas deserto e a planície com o fato dizimado.

Na serra ficaram apenas dois moços resistindo ao flagelo, esperando que se rompessem as nuvens que atravessavam o céu, fortes ventos, trazendo além os ruídos remotos.

Um dos moços, pressuroso e determinado, depois dum dia de pesquisa andar por barrancos e bolsas, a cata de fonte ou arroio tornou ao seu tugúrio desorientado e, sem pensar no rebanho que ia, aos poucos, ficando reduzido, resolveu entregar-se à Providência, certo de que ela o havia de socorrer.

O outro, mais atento e corajoso, metia-se ao mato, revadia cavernas, desceu a ribanceiras a ver se encontrava um pouco dagua a saltar da terra ou folha escapamente a alagar pouco porque não lhe parecia possível que aquelas rochas, sempre tão copiosamente lavadas, secassem dum momento para outro.

Ao cabo de muita fadiga viu um esguio lacrimal destilando d'alcouro alcantil e, contente, partiu a levar a notícia ao companheiro.

Encontrou-o deitado à sombra, lamentando a sua miséria e, em torno dele, os magros animais esfaltados, avidos, balavam baixinho como em queixa triste.

Sem conter a alegria deu parte da sua fortuna, descrevendo o sítio aceitíveis e fresco em que encontrara água.

— Ria na fonte? perguntou o jerdo pastor.

— Nem na fonte, é uma lágrima lenta que pinga da pedra.

Pareceu ao outro tão animada a razão que nem se quis tratar deserdado ao sítio sombrio.

— Mais gota a gota o manancial que encontraste e que é isso para a sede dos animais? Não seria com gotas dagua que hei de salvar o pouco que me ficou do rebanho. Se se tratasse de fonte ou corrego onde os pobrezinhos bebessem até a saciedade, eu desceria contente, suportando o sol que abrasa; mas por tão pouco não quero agravar o sofrimento com o cansaço.

— Ma, se houvesse fonte ou corrego nos não lamentaríamos a inclemência do sol e a serra estaria animada, como dantes e em todos os pastos os nossos ranchos e todos os pastos e sertões de gado. E' justamente por ser a fonte de tão apertada miséria que nos alegro com o achado que fiz. Vem!

— Não, disse o outro: as nuvens encrescem e fechaio a mais e mais anunciando as desejadas chuvas. Com um só dia de aguaceiro as fontes rebentarão de novo e as águas desfarão das rochas.

— E enquanto não chove?

O moço encolheu os ombros com indiferença.

Vendo que o não decidia, o outro partiu, levando aos ombros duas urnas.

Logo que chegou ao alcantil, procurou aproveitar as duas gotas que manavam das arestas da pedra e, vendo que caíam nas urnas lentamente, a espaços longos, saiu a reunir o seu pequeno rebanho.

Os animais sem alegria, cansados, estiraram-se na relva queimada, arfejando.

O céu quente estava todo dourado e, por toda a serra, cantaram cigarras. As folhas secas estalavam sob os pés do pastor e saída de todos os poros do chibo subia o morno do ar sufocado.

Pacientemente, vagarosamente, foi o pastor [illegible] por [illegible] e [illegible] para o [illegible] e quando [illegible] [illegible], antes, [illegible] de [illegible] um ponto resguardado onde se agacharam, [illegible] ver as urnas — descobriu no fundo d'ambas a água que subia e brilhava, transparente como diamante e vagarosa como [illegible].

Ao [illegible] e o moço deitou-se na pedra, sem sono, pensando em [illegible] aquela, aos longos fertes, quando todos os pastores [illegible] de outrora, cantavam em torno [illegible] nuvens e [illegible] e [illegible] benefícios.

E o companheiro? Ele, ao menos, [illegible] a gota dagua [illegible] descorrer [illegible] o sono pausado, [illegible] que, ao clarear [illegible] e as [illegible]. E o [illegible]? [illegible] a esperar [illegible] no céu, sombrio [illegible] para [illegible].

Pastor e gado adormeceram.

Ao romper [illegible] com o canto [illegible] e o [illegible] a brisa [illegible] o moço, acordando e [illegible] o [illegible] ruído do estribilho, [illegible] as urnas e achou-as quase cheias.

Alegre, reuniu o pequenino rebanho e o rafeiro que o guardava, abeberou-os e, em a água duma das urnas, aproveitando a da outra, regou a terra no sítio em que pretendia ficar e logo sentiu a gratidão das ervas desiteradas: como que acordaram do torpor estavam em que jaziam respondendo com o vigor, ao benefício inesperado.

Tornaram as urnas as gotas do alcantil e o rebanho, contente e reunindo, pôs-se a correr no bosque catando as folhinhas tenras.

Passaram-se dias e dias. As nuvens não se desfaziam em chuva, a mais e mais as ervas secavam murchavam estorricadas, mas o alcantil não negava o seu pouco e já o pastor revedecia à volta do rancho de palha do moço e o rebanho e o cão relaxavam sacudido.

Lembrou-se, então, o moço do companheiro e subiu a vê-lo no tugúrio da serra.

Caminhando, notava pelas trilhas a devastação da seca. Pinaculos que seu, olhos avistaram, pinaculos outrora viçosos, eram pardos e arrazados tronceiros de ressequidos galhos; os leitos dos correios eram vales pedregosos e longe, nos claros avelidados, nem um fiozo dagua [illegible].

Ao [illegible] viu um [illegible] [illegible] [illegible]

O BERÇO - COELHO NETO

[illegible] pequeno [illegible] Bebe, [illegible] para todo [illegible] ele [illegible] branco [illegible] a [illegible] Baby [illegible] o pequeno [illegible] que dorma [illegible] Para não despertar [illegible] apertando nos braços Colombina. O sol faz um venezian d'ouro e transmite para o berço [illegible] de Deus! Os carlos empanturrados e os [illegible] vão muchinchando junto do corpo frio de defunto.

* * *

Batem [illegible] a porta. Baby estremece. Aperta [illegible] Colombina [illegible] recebe [illegible] despertado. [illegible] dormir [illegible] sobre [illegible] Baby [illegible] vai à porta [illegible] no dar com [illegible] Velho, [illegible] de braço como [illegible] cercado [illegible] Baby não [illegible] um grito [illegible] cair [illegible] a correr [illegible] "Está aí o berço novo de Deus! Está aí o berço novo de Deus!" E, com voz de [illegible] as salas da [illegible] que vai [illegible] para o pequeno, [illegible] "Mamãe [illegible] um berço [illegible] mamãe, mamãe! Mamãe [illegible]! E para [illegible] vel [illegible] sabe [illegible]

* * *

[illegible] nas [illegible] Coelho [illegible] Pedro Colombina [illegible] de Baby [illegible] ela. A velhinha [illegible] e não baixou os [illegible]

[illegible] sabe? Teria a [illegible] desde a Baby um berço [illegible] branco [illegible] ao de Deus? E não foi outra coisa [illegible] vidas [illegible] fazem [illegible] vontades aos netinhos?

(Pimenteira — 1906 — Porto

---

tas do [illegible] e, perseverando pacientemente com [illegible] salve-me e salve o que [illegible] meu e ainda [illegible] as plantas quase mortas e vim a tempo de chamar-lo à vida.

Condivas demasiadamente em Deus, [illegible] e [illegible] deles esperavas tudo contando com as [illegible] do espírito. Se houvesses imitado o meu exemplo não teria solido tanto. Eu aproveitei o [illegible] e, [illegible] a [illegible] de manhã, com que [illegible] o gado e [illegible] o pasto; e tu, com os olhos nas nuvens carregadas, [illegible] não [illegible] as ovelhas mortas [illegible].

Eu [illegible] as ilusões: [illegible] o [illegible] de [illegible], do que a [illegible] que [illegible] os dias, [illegible] entre o mal e a [illegible].

As [illegible] eram mais [illegible], não [illegible], mas estavam [illegible] e [illegible] [illegible] sempre da [illegible], [illegible] [illegible].

Foi o teu mal, e esse é o mal de muitos: deixar o pequeno bem, que é certo, pelos ilusões imenso, que vagam na altura.

(Apologos)

Juizo sobre Coelho Netto -- (TRECHO DE ESTUDO) Tristão de Ataíde

Coelho Netto tem uma grande cultura. [illegible] nela. Os [illegible] não [illegible] a [illegible] pessoas e [illegible] a [illegible] a [illegible] a morte.

Coelho Netto [illegible] tal [illegible] pela Grécia que [illegible] [illegible] Quem [illegible] [illegible] Em [illegible] os [illegible] Os [illegible] [illegible] Coelho Netto [illegible] de nossos escritores. Literatura [illegible] tudo que toca. Para ele [illegible] imagens, comparações, [illegible] de palavras, [illegible] de frases.

"A piedade é uma flor, como [illegible] é uma [illegible] O deserto é uma veia exangue... O mar é sangue... Quem o agita? O vento, sopro de Deus... os [illegible] são os nervos do Brasil". Seus discursos literários e [illegible] os [illegible] são variações verbais [illegible] sobre um tema. Emoção e cultura exclamam razão e sentimento. A cada [illegible] [illegible] e a paisagem. Para o mar e para o sertão tem [illegible] de um artista contínuo que o [illegible] da literatura faz soar [illegible] falso. Quem pode [illegible] a [illegible] da paisagem que nos viu nascer? Mar de Sinel no [illegible] chorava a "petit puisseau de la rue du Bac". A [illegible] Paris e [illegible] Para Coelho Netto a paisagem é um [illegible] literário [illegible] tudo mais. Ele é uma vítima da literatura. Não se lhe pode negar sinceridade: falta-lhe espontaneidade. É [illegible] possível ser orador sem espontaneidade? Cícero, no Brutus, faz o processo dos oradores-acadêmicos, [illegible] [illegible] ele queria no orador "esplendor e magnificência". E ainda toda a arte de Cícero está na amplificação. Para ele o orador devia ser julgado pelos efeitos de sua palavra. Fundamos na autoridade do grande Marco Tulio, Coelho Netto não é orador, eu. Sabe burilar uma peça acadêmica, mas não inflama o auditório e muito menos os leitores. Se a oratória tirarem o vento do largo, que lhe resta? Cícero colocaria o nosso orador a par de Calidius e Calvus. Abaixo de Sulpicius e Galba: nunca entra os Hortensius, Crassus e Antonius!

Fecundo, rasteiro, [illegible] intemperante. Coelho Netto oscila entre o excesso de cultura e a incontinência verbal. Um pouco menos de literatura, um pouco mais de humanidade e fora talvez um tribuno. Quem tanto ama a Grécia porque não medita sobre o [illegible] dos poetas helênicos? A lenda de Anteu.

(1) Mas tarde, [illegible] modificou [illegible] para [illegible]. Um de fato, [illegible] poderia [illegible] mas apenas para ser [illegible] vinda de 1930.

Coelho Netto, num desenho de Antonio Carneiro (1906)

A OBRA DE COELHO

"A sua pena, a sua fúgida pena poderosa, foi a primeira que [illegible] proclamou os seus direitos [illegible] [illegible] renegar da arte pas-a-tempo, da arte [illegible] para traidores, e fazer, sem transigências, desta arte, o seu canha pau."

Manoel de Souza Pinto — Terra Moça.

"Coelho Netto é a "avis rara" que, segundo me dizem tem [illegible] de produção literária, estenografada em língua portuguesa. Tão fora extraordinário, que em Portugal não pôde ser compreendido."

Fialho de Almeida — Barômetro, pentear...

Escrevendo sempre, [illegible] 45 anos, [illegible] de 10 horas, Coelho Netto produziu a mais [illegible] do Brasil e uma das mais [illegible] a mais vasta [illegible] do cinema portuguêsa. 120 volumes ele escreveu. [illegible] 5 outros que não foram [illegible]. Referindo-se ao [illegible] Sílvio Romero, em sua obra **Quadro sintético da evolução dos rumos na literatura brasileira**, acentuou: "Coelho Netto possue função própria na imaginativa, na facilidade de escrever, na abundância do vocabulário, tão cobiçado das [illegible]. Sua obra, já hoje bem avaliada, dá-nos o exemplo de um brilhante [illegible]. Não é um sistemático a Machado, a Aluísio ou a Taunay". De fato, Coelho Netto abordou quase todos os temas literários: o romance, o conto, a novela, o drama, a comédia, o sainete, a crítica, a história, a poesia, o episódio lírico, o poema dramático, a parte-tal, a alegoria, a conferência, a fábula, o apólogo, a crônica, a paráfrase, a narrativa de viagens, a reportagem, a nota humorística, o artigo doutrinário de jornal, o artigo de polêmica e o discurso parlamentar. Além disso ele foi também: orador, reportista da prensa, exemplo único em nosso país, professor, diplomata, enciclopedista, prefaciador e tradutor de línguas. Assim como um Leonardo da Vinci da literatura...

Tendo colaborado em 50 jornais, alguns de estrangeiro, Coelho Netto escreveu nunca menos de 8.000 crônicas e artigos diversos. Não lhe pesemos exagero neste cálculo, pois, em várias ocasiões, ele chegou a colaborar simultaneamente em 5 jornais do país, como em outra vez, fez sozinho um jornal inteiro. 8.000 crônicas em 45 anos de trabalho intelectual, representam pouco menos de 15 produções mensais. Se para o **Jornal do Brasil**, Coelho Netto escreveu cerca de quinhentas crônicas, que dariam matéria para mais 10 volumes. Como improvisador, andam por 2.000 os seus discursos, contos, fábulas e mesmo autênticas conferências! Em uma excursão que ele realizou ao interior do Estado de S. Paulo, em 1921, aos 51 anos de idade, Coelho Netto fez 8 dias [illegible] mais de 62 discursos improvisados. Em S. Luiz, em 1918, ele proferiu em 10 dias 64 improvisações. Na viagem que empreendeu ao Norte do Brasil, em 1926, a convite da Comissão Central do 4º Centenário da Descoberta do Brasil, de que era [illegible], Coelho Netto se [illegible] de Vitória a Manaus, mais de 100 vezes. Se todas [illegible] ouvir, de Vitória a Manaus, mais de 100 vezes. Se todas [illegible] certo, mais [illegible] volumes, se [illegible] em uma [illegible] 163 obras [illegible] 10 [illegible] se [illegible] Coelho Netto pro[illegible] impressas de Coelho Netto pro[illegible] cada um 200 trabalhos. [illegible] em [illegible] de amadores e em [illegible] e patrióticas, as peças as "[illegible]" e [illegible] e [illegible] instituições de [illegible] e [illegible] 20 [illegible] variar a [illegible] 130 [illegible]. Poderia ter [illegible] Apesar [illegible] para [illegible] era [illegible] Coelho Netto [illegible] cargos de carreiras [illegible] [illegible] Secretário do Governo do Estado do Rio, Diretor dos Negócios do Estado do Governo do Estado do Rio, Diretor da Escola [illegible] do Estado do Rio, diretor da Escola Dramática Municipal, membro do Conselho Consultivo do Teatro Municipal, deputado federal pelo Estado do Maranhão em três [illegible], membro da Comissão de Diplomacia e Tratados da Câmara dos Deputados, presidente da Academia Brasileira de Letras, diretor-artístico e vice-presidente do Fluminense Clube, etc. É [illegible] da Câmara de Campinas, [illegible] Canal de Barra Alegre, no Colégio Pedro II e na [illegible] Municipal. Todas as [illegible] período de [illegible] o apoio de Coelho Netto [illegible] e [illegible] de [illegible] propagandista da [illegible] Republica, da Profecia e Assistência à Infância, da [illegible] Florestas, do Serviço Nacional, em [illegible] do Teatro Nacional, da [illegible] ao Mês de Boa [illegible] Espiritual entre os Povos Americanos, do Intercâmbio [illegible] e Cultural entre o Brasil e Portugal...

Como autor teatral, Coelho Netto produziu 50 peças. **Amor!**, marcado por Alberto Nepomuceno e com uma [illegible] de 50 professores, sob a [illegible] de Leopoldo Miguez, na estréia do teatro de Coelho Netto. Esse poema dramático [illegible] êxito em sua primeira apresentação, no Carlos [illegible] do Rio de Janeiro, na noite de 24 de agosto de [illegible] [illegible] a elementos amadores da alta sociedade [illegible]. Das demais peças, mereceram destaque: **Pantera**, cada prima maestras Santana Gomes, irmãos de Carlos Gomes, 1º ato, Francisco Braga, no 2º ato, e Alberto Nepomuceno, 3º ato, foi levada à cena na noite de 25 de dezembro [illegible] no Teatro S. Carlos, em Campinas, por elementos [illegible] sociedade local, tendo sido posteriormente representada [illegible] no Rio de Janeiro e uma vez em Lisboa; **Bonança**, [illegible] especialmente para a inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, era cuja solenidade foi estreada; **O dinheiro**, [illegible] no Teatro Municipal do Rio de Janeiro pela [illegible] francesa do "Vaudeville", de Paris; **Muralha**, representada [illegible] Teatro 18 de Julho, de Montevidéu, pela companhia [illegible] em espetáculo de gala, e, posteriormente, no Teatro [illegible] do Rio de Janeiro e em Buenos Aires, pela Companhia [illegible] Pagano, e novamente em Montevidéu pela Companhia Della Guardia; **Quebranto**, representado em 12 [illegible] sil, e pela Companhia Leopoldo Fróis, em Lisboa, no Trindade; Porto, no Teatro Rua da Bandeira; Buenos Aires, [illegible] Odeon, e em Montevidéu; **Carnaval**, representado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e, em Lisboa, pela Companhia Rei Colaço-Robles Monteiro; **Salduna**, musicado por L. Miguez, representado no Teatro Municipal do Rio [illegible] duas vezes, em 1925, pelos artistas da companhia lírica [illegible] Morelli, Maria Zamboni, Ana Gramegna, Vito Daniele [illegible] credo Pasero.

Em 10 idiomas — português, francês, inglês, [illegible] no, espanhol, sueco, sírio, esperanto e japonês, [illegible] [illegible] de Coelho Netto foram divulgadas em todo o [illegible] Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai, Estados Unidos, [illegible] França, Alemanha, Itália, Bélgica, Suíça, Síria, Japão e Portugal.

Coelho Netto escreveu cerca de 700 contos e novelas: **A noiva**, conto das **Rapsódias**, foi a primeira [illegible] do romancista maranhense a ser vertido para [illegible] [illegible] em 1908 e em Berlim, a Gramática [illegible] Alemã. Das demais [illegible] dos trabalhos [illegible] Coelho Netto, são de [illegible] um [illegible] **Fogueira**, [illegible] **Rei Pelo**, por [illegible] Ramos; **Rei Pelo**, [illegible] **Turbilhão**, [illegible] **Martim Cerrado**, 1915; **Mandrágora**, [illegible] no Rio Negro, [illegible] **Esmeralda** e **M. Calaste**, [illegible] 1930; **The vipers**, [illegible] versão inglesa de **Esmeralda**; **The four** [illegible] Boston, Estados Unidos; **Verso in fiore**, versão italiana [illegible] **verso em flor**, pelo professor Pedro Aldi, 1932; [illegible] para o francês por Charles Lojer, Paris, 1936; **Rei** [illegible] Nordestes Brasileiros, Buenos Aires, 1937; **Fitas**, [illegible] novela do Sertão, foi traduzida para o japonês pelo [illegible] Kaku Hongouchi, em Tóquio, no ano em curso.

Retrato de Coelho Netto na mocidade

A obra de Coelho Netto — José Maria Belo

Raros escritores e jornalistas nos trão não sentem afinidades o que pensam da obra de Coelho Netto. Realmente, é difícil tomar no mundo. O escritor que vem de penetrar, como diria Machado de Assis, no outro lado da medição, teve longa e extensa atuação nas letras brasileiras. Até vinte anos passados mal ousaria alguém discutir-lhe os méritos ou ofuscar-lhe a glória. Mais tarde, apagou-se muito o culto literário que ele inspirou. Já parecia às gerações novas educadas em gosto diverso, em outra estética e outra compreensão da vida, simples figura da história literária. Em sua obra poderíamos estudar certo momento de nossa evolução intelectual; ela, porém, já não representa na alma dos moços que surgiram para as atividades do espírito. De mim, pertenço a uma geração que ainda se deixou influir pela "mensagem" de Coelho Netto. Cedo, entretanto, quase todos nós nos libertamos para tentar rumos diferentes. Como sempre acontece, não nos contentamos, então, em descer-nos do homem, cuja riqueza verbal nos tinha encantado a adolescência. Fizemos-lhe as mais fortes, e muitas vezes injustas restrições.

Hoje, passado o tempo, podemos [illegible] As críticas de Coelho Netto mal resistem à fria análise crítica. Faltam-lhes realidade, e ambiente. Alegam-se não que as suas personagens são de para ideia e, [illegible], tudo poderiam ter vivido no Brasil como na China, antes ou Cristo como no século XIX. Procuremos também de encontrar as suas paisagens, Vamos muito da própria fantasia. Coelho Netto não sabia observar. Jechava-se-lhe nos olhos a alma humana, como impenetrável mistério. Daí a inconsistência das figuras que criou e aos quais o seu mais atento leitor não guardara sequer os nomes. Os "Conselheiros Acácios", os "Primos Basílios", os "Rapsódos" e os "Gonçalos Mendes Ramires" encheram o caminho da nossa juventude e ainda hoje os encontramos nas ruas. "Capitu" dos "olhos de ressaca", "Brás Cubas", "D. Casmurro", e "Quincas Borba" viveram ou poderiam ter vivido ao nosso lado. Lembramo-nos sempre de Milkau do "Canaã" ou do "Sérgio" e do "Aristarco" do "Alencar". Quem, no entanto, fugia da galeria dos romances de Coelho Netto? Nasceram e morreram os seus heróis e as suas heroínas na pompa e moldura de palavras, em que o escritor os prendeu.

*Ao estilo de Coelho Netto, tradução natural de seu temperamento, falta verdade, harmonia, graça e, muitas vezes, clareza e nitidez. Perde-se pelo excesso de pão [illegible]. Multiplicam-se as [illegible] ou [illegible]. [illegible] de uma [illegible] de [illegible] [illegible] os [illegible] [illegible] [illegible]

Vida de Patrocinio -- [illegible]

(Trecho do discurso de recepção a Mario de Alencar, na Academia Brasileira) -- COELHO NETTO

A [illegible] que vão abre os [illegible] um [illegible] o seu primeiro [illegible] o nome prodigioso [illegible] Patrocinio, [illegible] dos [illegible] Ele [illegible] de Deus [illegible] [illegible] [illegible]

Onofre, o terrivel, ou a sede de justiça -- Marques Rebelo

O mata-mosquito Onofre Pereira da Silva acendeu a lâmpada portátil e viu -- êpa!... as larvas fervilharem na poça d'água, que os verdes tinhos escondiam naquele recanto e abandonado de jardim.

Ajeitou as duas caprichosas [illegible] do cabelo rebelde e [illegible] a brilhantina domes[illegible] à força de doses cavalares, mecanicamente pegou na [illegible] de "Stegomyol" para liquidar.

Mais um dia, pensou talvez [illegible] larvas seriam mosquitos que, [illegible] uma nuvem, picando amarelo, invadiriam as casas [illegible] levando a morte.

Cansado pelo pensamento, a poça era pequena para [illegible], mas pouco importava que [illegible] estava se vendo perfeitamente. Via-se grande, enorme, gigantesco, pela grandeza da sua profissão. Era nobre e [illegible]. Não era mais o Onofre Pereira da Silva, o magro, o [illegible] Onofre, mas qualquer coisa de divino, de onipotente sob a farda caqui com o [illegible] vermelho da Saúde Pública, sentinela avançada da população. Estava na argúcia [illegible] seus olhos farejadores de [illegible] e na inflexibilidade [illegible] seus braços, que os borrifava [illegible] "Stegomyol" [illegible] naquela cidade.

Aqui há mosquitos, Onofre [illegible] gritava uma voz amedrontada.

Lá vai lá ia devastando-os. Mais adiante imploravam:

Aqui, Onofre, aqui! Pelo amor de Deus!

Atendia, solícito, uma serena [illegible] imperturbável, uma alegria absoluta, indômita:

Para traz, fascinoras! Fugiam. Fugiam, não. [illegible] matava, não deixando nenhuma, para contar a história. [illegible] a própria morte, raciocinando bem, que ele matava, [illegible] que pairava sobre a cidade, espreitando. Ele matara [illegible]! Ele, Onofre Pereira da Silva, o 116 da turma de Bo[illegible].

[illegible] demais! Ficou estático, o [illegible] suspenso, a lata de "Stegomyol" na ponta do gesto, a [illegible] que vinha do mar roçando [illegible] carícias a cabeça nua [illegible] pastinha da direita, a [illegible] a preferida, a de mais [illegible] na hora difícil do pensar [illegible] estudando, desobedecendo as camadas de vaselina perfumada.

[illegible]mbiu-se logo, porem, com a lembrança do seu salário, [illegible] irisório. Ficou mais [illegible] ainda ao confrontá-lo com a grandeza da sua ação, [illegible] à chuva, sem domingos, [illegible] feriados, sem hora, sem [illegible].

[illegible] quanto isso quanto ganhava [illegible] diretor? Sim, senhores, [illegible] ganhava? Contos! Muitos contos! Quantos? Nem sabe [illegible] mundo! E para quê? [illegible] superior dansou-lhe [illegible] escarninhas. — Para [illegible] papéis... Defender uma [illegible] aniquilar a morte, desprezando o stegomya assinando [illegible]. Ridículo!... E contar [illegible] pelos ratinhos que não [illegible] entendia. Ele sim! ele que [illegible] uma ninharia é que [illegible], afastava o perigo, [illegible] os focos, ele o herói [illegible], o ignorado, o mal pago. Nos ombros dele, Onofre, o [illegible] descansavam um milhão de [illegible].

[illegible]terou o raciocínio: muitos [illegible] ele. Quantos? Os operários têm conta. Os humildes, os fracos, os desprotegidos, [illegible] como: os pobres! Sim, os pobres, sofrendo do destino injusto, a opressão dos ricos. Trabalhando, se exaurindo, se matando, para que com os benefícios de tanto suor, de tantas [illegible] e tantas dores, os mamonas [illegible] se envelhecendo à sombra do conforto, [illegible] seus automóveis, os seus [illegible] e as suas mulheres, na [illegible] e na felicidade. Felicidade... Sim, senhor; Fe-li-ci-da-de! (alongava bem as sílabas). Que era então a felicidade?

O homenzinho arfava com violência. Os raios do sol, caindo sobre ele, inflamavam mais ainda a cabeça exaltada pela avalanche estonteante de pensamentos nobres. Em vão o suor, que lhe porejava da testa, se esforçada para moderar o fogo interior. Em vão. Ele era todo um ansêio de revolta, um estandarte de justiça!

Quando chegaria a hora da vindita? Quando terminaria a hora dos oprimidos? Talvez bem pouco... Tremia todo numa comoção viril de libertador. Os olhos se estupalharam.

Bastaria proteger as larvas deixando dentro da sua lata o "Stegomyol" inseticida. Bastaria... Como era suti e doce o gesto dos que vingam os fracos!... Como era manso, suave, inocente, quase infantil!... Bastaria deixar o "Stegomyol" na sua lata e seguir adiante... E mais um dia, talvez uma hora, as larvas seriam mosquitos, seriam uma nuvem -- e que nuvem! que levaria a morte nas suas asas, nos seus ferrões, pelas casas dos ricos para cevar, para cevar.

Urubus, malandros, num estender plácido de asas, nem voavam, equilibravam-se, descuidosos, no espaço azul, estridente, luminoso, por sobre o campo de futebol, por sobre o Anil todo cercado de palmeiras, por sobre os bangalôs que americanizavam o Leca.

E ele já via os mesmos urubus roando, a grasnar, sobre a carniça abandonada nas ruas silenciosas, ao peso da desgraça que derrubara os lares opulentos. Já via os urubus molengos disputarem a bicada nos corpos insepultos, aqui o Castro e o Teixeira — ali o dr. Medeiros (coisa só!) e o deputado Alvim, mais acolá o Valfredo, um ricaço que ele nem sabia onde ganhava tanto dinheiro, mais a frente o Viçosa, o dr. Sílvio, o major Albuquerque, em suma todos os grandes que ele conhecia.

Aí acabaria a pobreza. Os pobres deveriam da Babilônia, do Pinto, da Indaiera do Leme, para invadir as casas. Deveriam como em procissões, vagarosos, quatro a quatro, levando estandartes, imagens de santos, palmas, louvando Deus nas alturas, soltando foguetes de cinco bombas, cantando loas a São Benedito:

"Meu São Benedito, oooi...
Meu São Benedito, oooi..."

Ele, de longe, sorria, abençoando, perdoando tanta ignorância. "Eu eu!" bastaria dizer para aquela multidão alvarar-se dos seus pés agradecendo, rindo e chorando ao mesmo tempo na confusão deliciosa de quem ganha a felicidade, chamando-o "profeta". Mas não diria...

Então Onofre se perturbou: e os mosquitos? Os mosquitos que continuariam a morder, a sugar, alacrinam os pobres também, tornando-lhes o mal! Pobres do seus pobres. Os mosquitos seriam tantos que nada os exterminaria. Pobreza não vaidar vingança contra a febre amarela. Pobres dos seus pobres!...

Os sílvos vinham sinceros, fraternais, do fundo de seu coração dividido.

Os mesmos urubus molengos, desfarrapados, desempenados, que se fartariam na morbidade dos ricos, se revoltariam agora na carne dos pobres, dos seus irmãos. O Luca, com as frases para fora, tinha uma contração no rosto amarelo, cor que o anulávamos. O Nelson do Carvalhinho, tão bom, tão [illegible], tremia, lá estava [illegible], montado por um [illegible] de [illegible] [illegible] Cavalaria de entranhas já vazias, putrefatas. Perdão! Perdão! pediria, as lágrimas jorrando dos seus olhos sinceros. Eu não fiz por mal!... Que louco! Era para o bem de todos, era para o bem! Mas o Anarieto, seu primo, no fundo duma sarjeta, os olhos comidos, vermes escorregando pelo canto da boca, lhe mostraria o punho crispado prometendo vingança.

Tudo seria deserto, vasio, na sua frente. Os cinemas fechados, o clube da rua da Passagem era um monte de trapos e farrapos. Só o último cartaz: "A honra do marujo" — um drama que fazia chorar! — resistia ainda, preguado no muro por cima do buraco da bilheteria. Nas ruas não passaria uma pessoa e somente os pardais, que não apanham febre amarela, continuariam a chilrear, indiferentes, no meio das ramadas compactas, quando vinha o crepúsculo...

A Babilônia abandonada, os canelros a cair. Acabaram-se os choros, flauta, cavaquinho e violão (ele arranchando a cadência do pandeiro com quinze) de noite, na porta do Zé Malussa, até a madrugada, quando os galos amindavam o canto, e lá no fundo do céu indeciso, para os lados do mar, vinha apontando uma réstea rósea e tímida do sol.

Não haveria ensaios para a saída do rancho no Carnaval. Ele não mais seria príncipe. Ele não mais seria cruzado, a cruz no peito, o escudo pateado, a lança erguida, defendendo o Jurema, de cristã, que os mouros queriam roubar, na concepção que o Pedro Martins, mestre-sala, estava planejando para este ano. Fechado o Corbeille das Flores, fechado os Amantes da Arte, fechado os Caprichosos da Chacrinha. Mortos, talvez, a Marilda, a Leonor, a Paulina, a Floripedes...

O chefe da turma acordou-o do pesadelo:

— Então, seu Onofre, como é?...

Onofre, ainda tonto, debruçou-se e derramou o "Stegomyol" assassinando as larvas.

— Agora faz uma meia hora para o almoço, ouviu? Eu já volto pra gente atacar a trapeira e a avenida que está uma sujeira.

O chefe entrou na casa de pasto, ele sentou-se na calçada mesmo sob a fervura dos otigeiros. Os urubus continuavam a voltejar serenos, negros, muito nítidos, no alto do azul imaculado. O bondinho do Pão de Açúcar ia subindo tão tranquilo, tão firme, como se fosse para o céu.

Desembrulhou a marmita, ficou lendo umas notícias truncadas no pedaço de jornal, enquanto comia, solitário, o feijão frio com carne que a mana Balbina lhe preparara. Vinha o automóvel no fundo da rua levantando poeira. Passou. Acompanhou-o com o olhar, uma limousine — que bom a gente ser rico!... — dobrou a esquina, sumiu, foi embora. Mordia o pão. Que amolação desconhecida o oprimia!... Que moleza, meu Deus, sentia escorrer dos seus membros. Uma fadiga, um amolecimento, parecia que nem existia, parecia que flutuava. Depois, aquele suor frio. Dir-se-ia morrer de tão frio, de tão fraco. Engulu com dificuldade o resto da banana. A poeira, pouco a pouco, voltou ao chão. Lembrou-se, sem motivo, do Valdemiro. Onde ele estaria? Fora sorteado. Por quê? Vinha a brisa do mar, lá longe, refrescando...

O primeiro fósforo não acendeu. O cigarrinho folanda. Talvez voltasse a pé para casa, o pagamento andava atrasado, os últimos duzentos réis jogara no cachorro. Talvez também um dia... ah! um dia...

Então a brisa do mar veio mais forte carrolou o farrapinho de sonho que teimava.

Em louvor de Nafir -- Manuel Bandeira

Passei os três dias de Carnaval longe Hafiz. Em vez de embriagar-me com álcool, com éter e com sambas, embriaguei-me das rosas e tulipas de Chiras, do aroma das tranças negras e dos seios nacarados das filhas de Cachemira e de Samarcanda, da agridoce sabedoria dos sufis. Tudo isso se respira ainda em toda a frescura nos gazais de Hafiz. E como sou um versejador irrequieto, amigo de experiências em toda a sorte de formas, especialmente das formas fixas (viva para todo o sempre o soneto, a balada, o rondó, o ensaio), acabei rabiscando também um gazal em louvor do poeta persa.

Aliás, sou, como toda a gente sabe, o mais velho amigo do rei de Pasargada, cidade fundada nas montanhas do sul da Pérsia — uma espécie de Petrópolis da Pérsia — e transportaria para os meus sonetos de poesia num momento em que tudo me faltava, sobretudo o consolo das histórias de Rosa, minha ama seca mulata.

* * *

Outro dia o meu querido amigo Otavio Tarquinio de Sousa-Filho me do Hirimo desbragado em que andam se esbulhando certos colaboradores deste jornal — eu, Ribeiro Couto, Afonso Arinos, Murilo Leão, Vinicius de Morais...

— E muito agradável, muito agradável, acrescentou.

Duas vezes ébrigado, Otavio. Vai por tua conta o meu hirimo de hoje. Pois foi em tua deliciosa casa de Bingen, agora Araraquara, que pôs enfim a mão num livro atrás do qual andava há muito tempo: o dos gazais de Hafiz.

Permita-me um pouco de pedantismo: gazal é uma forma fixa da poesia árabe e persa, resumível no seguinte esquema — aa, ba, ca, da..., nesta de vinte versos. Hafiz escreveu toda a sua poesia em gazais.

O poeta, cujo verdadeiro nome era — respirem um pouco — Khawaja Shamsuddin Mohammad, nascera em Chiras, de origem humilde. Mas a melodia dos seus poemas deu-lhe tamanha celebridade que, ao falecer em 1388 o seu túmulo, à beira do Rakhabad, se tornou um sítio de romaria e meditação. Seu túmulo, sobre o qual ainda existe um cipreste, a árvore cuja sombra calma ele havia pedido "para o pó dos seus desejos". O cipreste, a que tantas gerações compraram o corpo grande e cabelo da mulher amada...

* * *

Hafiz é melancólico como todos os poetas da Pérsia, mas sem o travo amargo de Kharyyam nem a ironia mordente de Faudi. O mesmo sentimento do efemero de tudo se reduz ao estilo irresistível do universo. "Ninguém sabe os segredos de Deus. Por que procurar do que se passa no turbilhão dos tempos?" Para ele criavas todas as palavras sobre a sabedoria: "Não ata marinete. Aristóteles entrevista a alma, nenhum qualquer mistério". Ele que pensa a Swedenborg: "o coração do homem não pode conter a profundeza do anjo". A sabedoria profana não a verdadeira fortuna, mas "aquivale ela em face do amor?"

Mas há rosas. Todo [illegible] neste mundo perecem. Ilhas [illegible] nós, há a poesia, há o amor. E quando os amadores [illegible] abandonam, há o bom vinho velho.

* * *

Hafiz foi o grande poeta das [illegible], das [illegible] da poesia, das chamas da [illegible] no deserto da espera. Chamas [illegible] decerto, porque sabia que "a ausência das amadas e que faz da presença delas uma tão profunda alegria..." E as sequências lírica inspiraram algumas de suas [illegible] mais encantadoras: "A quem pedirei uma lembrança daquela que partiu? O que a brisa murmurou, foi-se com a brisa. E lá no mesmo gazal este conselho tristíssimo, mas precioso: "Não procures reter o vento, mesmo quando soprar ao sabor de teu desejo".

Duas imagens de Hafiz que todo poeta gostaria de ter achado para o seu amor: "A rosa de tua face é o centro do mundo". "Juro que a tua boca parece uma coisa imaginária, cheia de mistério tempo de mistérios e de certezas".

* * *

Agora — pecão, Hafiz e perdão, leitores — o meu poema:

Escuta o gazal que fiz,
Darling, em louvor de Hafiz:

— Perla de Chiraz, teu verso
Tem mágoas e as minhas dia

Pois no mistério do mundo
Tambem me sinto infeliz.

Falaste: "Amarri constante
Aquela que não me quis".

E as filhas de Samarcanda,
Camelieiras e sufis

Ainda repetem os cantos
Em que choras e sofres.

As bem amadas ingratas,
São pó; tu, vives, Hafiz!

MANUEL BANDEIRA

CORRESPONDENCIA DE ESCRITORES

CARTA DE ALVARES DE AZEVEDO A SUA MÃE

S. Paulo, 17 de Abril de 1851.

Minha Mãe do c.

Depois de dezenove dias de uma peregrinação à procura de casa, verdadeiro *Jérôme Paturot à la recherche d'une maison*, achei uma casinha onde a mal me acomodei com um companheiro. Para fazer idéia basta lembrar-lhe que dormimos e estudamos no mesmo quarto.

Saí hoje à procura da encomenda do Pé. (1). Achei um papagaio bem falante. Quanto à arara o negócio se complica. Ajustei uma que fala muito, e até dança... mas é cega de um olho! Foi ver outra também afamada, mas tem uma asa quebrada! Contudo não desespero de mandar-lhe a arara.

De muitas e muitas lembranças ao Pé: só os incômodos e desarranjos em que tenho passado, a modo de viagem, me puderam impedir escrever-lhe uma longa carta. Quanto ao sr. Bonnerlethe, vou dar-lhe sinceros parabens pela sua posição interina e pouco estética.

Desculpe-me com ele por não lhe ter ainda escrito como ele pediu-me e prometi.

A Nhanhã e Marianinha devem estar muito zangadas comigo pela falta de cartas minhas. Mas a amizade não vive numa folha de papel suja de tinta: a saudade fica no coração, e alimenta-se do passado, mas não do esquecimento.

Dê-lhes pois um abraço por mim.

Na mesma Nota pode incluir todas essas moças bonitas cujos nomes por modéstia omito, mas que não posso esquecer, no meu panteísmo, à vista da irresistível fealdade das mulheres patrícias. E' singular que numa terra onde o céu é tão bonito as caras sejam tão pardacentas e as mulheres tão...

Boa noite: já lá vai longe meia noite, por um frio de enterrecer: e se por fora há luar e névoa, sucumbo ao spleen e ao sono.

Boa noite, minha boa Mãe, lance sua benção sobre seu filho do c.

---

(1) Conde de Pé, a quem o autor dedicou a bela poesia Italia, da Lyra dos Vinte Anos.

V. nota (1) a essa poesia.

O POETA E O ALEMÃO

Desenho de MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA

O Poeta entra na vasta loja do alemão.

— Desejo comprar uma harpa. Uma bela harpa, orlada com esculturas de outras épocas, mulheres penteadas como gregas, sereias.

— Impossivel, senhor. Não há necessidade de harpas. Ninguem mais ouve harpas. Entretanto, posso-lhe oferecer outro objeto precioso: por exemplo, marteio. Um serrote. Temos ótimos serrotes. Serram muito bem.

— Eu quero uma harpa. O senhor se esquece que Bach, Haydn, Mozart escreveram conceitos especialmente para harpa?

— Fuzis, senhor. Magnificos fuzis, último modelo. Não falham. Automáticos. Não falham, senhor.

— Eu quero mas é uma harpa.

— Clarins? Tambores, o senhor quer dizer! Tambores! Temos admiraveis tambores confeccionados com peles de crianças novas, refens chegados há pouco de Paris.

— Mas eu estou vendo uma harpa lá no fundo da sala.

— Eu quero aquela harpa.

— Não posso vendê-la. Aquilo não é uma harpa. E' uma super-harpa destinada ao nosso grande Chefe. Ele tem muito bom coração, e chora sempre quando ouve música. Ainda ontem ele chorou muito ao abraçar seu aliado italiano que lhe trouxe uma gaita de presente. Nosso Chefe é muito emotivo, senhor.

O Poeta, desesperado, sai correndo pela rua tumultuosa, aos gritos:

— Eu quero uma harpa! Eu quero uma harpa!

MURILO MENDES

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA -- 1.ª Série - Antologia da Poesia — VI - Ribeiro Couto

Algumas fontes bibliograficas relativas à obra poética de Ribeiro Couto

José "O jardim das confidên-

Mario Leão, "Correio da Ma- 1-2-1922, "A poesia na in-

Jose Augusto de Lima, "Bon- 7-10-1921, "Vida literá-

Rodrigo Octavio Filho, "A Cl- São Paulo, janeiro de

M. Goulart de Andrade, Rio, 23-9-1921.

João Ribeiro, "O Imparcial", 29-11-1921, "Crônica literá-

Rodrigo M. F. de Andrade, Rio, 25-9-1921, "Um poe-

Manuel Bandeira, "O Dia", 9-10-1921, "Apologia de um

Mario Rodrigues, "Correio da Manhã", Rio, 20-9-1921, "O jardim das confidências" (reproduzido em "Isabel", São Paulo, 1923, pgs. 5-8).

Ronald de Carvalho, "O Imparcial", 28-9-1921, "A poesia da [illegible]" (reproduzido em "Estudos brasileiros", 2ª série, Rio, 1930, pgs. 264-269).

Manuel Bandeira, "Careta", 1-10-1921, "O jardim das confidências".

Antenéstio de Albuquerque, "A Fa[illegible]", Rio 12-11-1921, "O jardim das confidências".

Claudio Gatins, "Fon-Fon", [illegible]-9-1921, "Poesia nova".

Jose da Silveira, "Careta", [illegible]-8-1921, "O jardim das confidências".

— "Poemetos de ternura e de melancolia".

Manuel Bandeira, "Revista [illegible] Cruz", Rio, novembro — "Os dois últimos livros de Ribeiro Couto".

Tristão de Athayde, "Jornal do Comércio", Rio, 14-9-1924, "Vida Literária — A ternura, graça e melancolia".

Jose Silveira, "Jornal do Co[illegible]", Rio, 7-10-1924, "Histórias [illegible]".

Frederico D. Fernandes, "O [illegible]", Rio, 14-9-1922, "[illegible]".

— "Um homem na multidão".

— Teixeira Soares, "O Globo", Rio, 19-7-1926, "Um homem na multidão".

— Cassiano Ricardo, "Correio Paulistano", São Paulo, 6-7-1926, "[illegible]".

— José Clemente Oswaldo Cruz, "A Manhã", Rio 10-7-1926.

— Sergio Milliet, "Terra Roxa", São Paulo, 6-7-1926, "Poesia" (reproduzido em "Terra seca", São Paulo, 1932, pgs. 317-326).

— Martim Dantas, "Jornal do Comércio", São Paulo, 3-6-1926, "O espírito dos livros".

— Osório Borba, "A Manhã", Rio, 29-8-1926, "Um homem na multidão".

— João Alphonsus, "A Manhã", Rio, 8-9-1926, "O homem na multidão".

— Tristão de Athayde, "O Jornal", 22-7-1926, "Vida literária — A margem de dois poetas" (reproduzido em "Estudos", 1ª série, Rio, 1927, pgs. 52-57).

— Alvaro Moreyra, "Para Todos...", Rio 14-8-1926, "Ribeiro Couto".

— Emilio Moura, "Diário de Minas", Belo Horizonte, 5-11-1926, "Livros e idéias".

— Ruy Cirne Lima, "Correio do Povo", Porto Alegre 1926.

— Mário Leão, "Jornal do Brasil", Rio, 15-1-1927, "Um homem na multidão".

— Lionelo Fiorl "Giovedì", Milão, Italia, 11-9-1930, "Nel Brasile".

— Mario de Andrade, "A Manhã", Rio, 18-8-1926 e 25-9-1926, "Ribeiro Couto — Um homem na multidão".

— Prudente de Moraes, neto, "A Manhã", Rio, 25-9-1926, "Um homem no mundo".

Sobre "*Canções de amor*":

— Marcel Brion, "Nouvelles Littéraires", Paris, 16-8-1931, "L'actualité à l'étranger".

— Mário Leão, "Correio da Manhã", Rio, 27-11-1930, "Crônica literária".

— Medeiros e Albuquerque, "Jornal do Comércio", Rio, 28-11-1930.

— João Ribeiro, "Jornal do Brasil", Rio, 19-12-1930, "Registro literário".

— Tristão de Athayde, "O Jornal", Rio, 11-1-1931, "Vozes de terra" (reproduzido em "Estudos", 5ª série, Rio, 1932, pgs. 119-112).

Sobre "*Noroeste e outros poemas do Brasil*":

— Herbert Crossman, "Diario de Noticias", Rio, 22-6-1932, "Um poeta da seu tempo".

— João Ribeiro, "Jornal do Brasil", Rio, 8-6-1933, "Registo literário".

— Osorio Lopes, "A União", Rio, 24-7-1933.

— Tredendro Tostes, "O Radical", Rio, 2-7-1933, "Visita de Ribeiro Couto".

— Candido Motta Filho, "Folha da Manhã", 8-6-1933, "Pensamentos, palavras e obras".

— Manuel Bandeira, "Diário de Noticias", Rio, 11-6-1933, "Impressões literárias".

— Carlos Chiacchio, "A Tarde", Bahia, 20-6-1933.

— Maria Sabina, "Semana Literária", Rio, 12-8-1933, "Da minha estante".

— Abilio Flores Oliveira e Silva, "O Estado", Florianópolis, 28-7-1933.

— Sergio Buarque de Holanda, "Literatura", Rio, 3-7-1932.

Sobre "*Provincia*":

— Odylo Costa Filho, "Revista Brasileira", Rio, novembro, 1936, "Ensaio sobre a poesia do sr. Ribeiro Couto".

— Osorio Dutra, "Jornal do Comércio", Rio, 9-11-1936, "Defesa da poesia".

Sobre "*Correspondencia de familia*":

— Antonio de Alcântara Machado, "Diário da Manhã", São Paulo, 6-6-1933.

"Prosa e verso de Ribeiro Couto".

Sobre o "*Cancioneiro de Dom Afonso*":

— José Cesar Barba, "Diário da Manhã", Recife, 1940.

— Tristão de Athayde, "O Jornal", Rio, 16-6-1940, "Vida literária".

— Mario de Andrade, "Diário de Noticias", Rio, 12-5-1940, "Um cancioneiro".

— Edgar Cavalheiro, "Folha da Manhã", São Paulo, 21-4-1940, "Poesia doce poesia".

— Carlos Chiacchio, "A Tarde", Bahia, 24-4-1940.

— Nelson de Souza Carneiro, "Jornal do Brasil", Rio, 3-5-1940, "Conversa com o poeta Rui".

— Jayme de Barros, "Diário da Noite", Rio, 8-6-1940, "Espelho dos livros".

— Temistocles Linhares, "O Dia", Curitiba, 16-6-1940, "No mundo das letras".

— Luis Delgado, "Jornal do Comércio", Recife, 5-1-1940, "Noticias de livros".

— Tasso da Silveira, "Cadernos da hora presente", São Paulo, julho-agosto, 1940, "Cancioneiro de Dom Afonso".

Outras fontes:

— Murilo Araujo, "Revista Brasileira", n. 6, janeiro-fevereiro, 1935, "O amigo intimo da vida".

— Dante Costa, "O Jornal", Rio, 14-10-1934, "Poesia de Ribeiro Couto".

— Múcio Leão, "Jornal do Brasil", Rio, 24-10-1934, "Registo literário".

— Agostinho de Campos, "O Comércio do Porto", Porto, 14-7-1936, "Poesia e idioma".

— Peregrino Junior, "Careta", Rio, 24-11-1934.

— Hell Menegale, "O Diário", Belo Horizonte, 18-5-1941, "Ribeiro Couto, o mineiro".

— João de Barros, "O Primeiro de Janeiro", Porto, 25-1-1935, "O poeta Ribeiro Couto".

— Agostinho de Campos, "Diario de Noticias", Lisboa, 15-7-1935, "Poesia".

— Francisco de Assis Barbosa, "Boletim de Ariel", Rio, desembro, 1934, "O poeta Ruy Ribeiro Couto".

— Peregrino Junior, "Boletim de Ariel", Rio, janeiro, 1935, "A propósito de Poesia, de Ribeiro Couto".

— Andrade Murley, "A nova literatura brasileira", Livraria do Globo, Porto Alegre, 1936, pgs. 143-147.

— Anton van Duinkerken, revista "De Gemeenschap", Bilthoven, Holanda, Março, 1939, pgs. 161-169.

— Ribeiro Lima, "História e crítica da poesia brasileira", Rio, 1939, pgs. 217-219.

RIBEIRO COUTO

Por decreto de 7 do corrente, foi nomeado primeiro secretário da nossa embaixada em Lisboa, o diplomata Ribeiro Couto, que é nosso querido companheiro de trabalho e um dos nomes de maior projeção na vida literária e cultural do país.

Poeta, "conteur", cronista, romancista, jornalista — o autor de "Provincia" é um espírito agil e brilhante, dono de uma sensibilidade riquíssima. A ele a nossa literatura deve admiraveis páginas sobre a vida do interior brasileiro, e sobre a paisagem carioca.

Rui Ribeiro Couto nasceu em Santos, S. Paulo, em 12 de março de 1898, filho de José de Almeida Couto e d. Nizia Lopes Ribeiro, de familia baiana, pelo lado paterno e portuguesa pelo lado materno. Fez os estudos primários e os secundários na cidade natal, começando a publicar versos aos 15 anos. Em 1914 ganhava um prêmio municipal de poesia, num concurso realizado em Santos. Seu soneto premiado — "Hino à Gloria", — apareceu na "Polianéia" dos Jogos Florais de Santos. Em 1915 foi estudar Direito em São Paulo, e, para auxiliar os estudos, se fez revisor de "Jornal do Comércio" e do "Correio Paulistano", chegando a ser redator deste último. No ano de 1918 ganhou um concurso de poesia, instituido pela "Cigarra". Bacharelou-se pela Faculdade de Ciências Juridicas e Sociais do Rio de Janeiro, em 1919.

Entregando-se à vida de imprensa desde os bancos academicos, trabalhou na "Noite", na "Epóca", na "Rua", na "Gazeta de Noticias", na "Patria", na "América Brasileira" (revista de que foi secretário), no "Jornal do Brasil". Foi um dos fundadores de A MANHÃ, e nela dirige com grande proficiência, o suplemento mensal "Pensamento da América".

Foi promotor publico, no Estados de Minas e São Paulo, entre os anos de 1923 e 1928. Neste último ano ingressou na carreira diplomatica, que tinha abandonado desde 1921. Tem servido em Marselha, Paris, Haia, e na Secretaria de Estado. Nos dois últimos anos tem servido no gabinete do ministro Oswaldo Aranha. Acaba de ser designado secretário da nossa embaixada em Lisboa. Pertence à Academia Brasileira de Letras, tendo sido eleito para a vaga de Constâncio Alves — cadeira n.º 26. Ali foi recebido por Landulfo Freire e já recebeu Manuel Bandeira.

BIBLIOGRAFIA DE RIBEIRO COUTO

Poesia:

"O Jardim das confidências", São Paulo, 1921.

"Poemetos de ternura e de melancolia", São Paulo, 1924.

"Um homem na multidão", 1926.

"Canções de amor", São Paulo, 1930.

"Noroeste e outros poemas do Brasil", São Paulo, 1932.

"Correspondência de familia", 1933, de colaboração com Adolfo Casais Monteiro.

"Província", Coimbra, Portugal, 1934.

"Cancioneiro de Dom Afonso", 1939.

Prosa:

"A casa do gato cinzento", São Paulo, 1922.

"O crime do estudante Rajadesa", São Paulo, 1922.

"A cidade do vício e da graça", 1924.

"Bacoulinha e outros bichos", 1927. (Premio de Contos da Academia Brasileira de Letras em 1928).

"Cabocla", São Paulo, 1931.

"Espírito de São Paulo", 1932.

"Clube das esposas" (romance), 1933.

"Presença de Santa Teresinha", 1937.

"Chão de França", 1938.

"Convento Imperial", 1938.

"Prima Belinha", 1939.

"Largo da Matriz", 1940.

Livros em francês:

"Safadar", trad. por Jean Duriau, 1937.

"Première de la Reine Thérèse", trad. por Maurice Gilliard, 1937.

"Jeu musical", trad. por Jean Duriau, 1938.

Em espanhol:

"Safadar", "Cruce", trad. por Paul Jacobs, 1938.

SANTOS

Nasci junto do porto, ouvindo o barulho dos embarques
Os pesados carretões de café
Sacudiam as ruas, faziam trepidar o meu berço.

Cresci junto do porto, vendo a azáfama dos embarques.
O apito triste dos cargueiros que partiam
Deixava longas ressonâncias na minha rua.

Brinquei de pegador entre os vagões das docas.
Os grãos de café, perdidos no lagedo,
Eram pedrinhas que eu atirava noutros meninos.

As grades de ferro dos armazens, fechados à noite,
Faziam sonhar (tantas mercadorias!)
E me ensinavam a poesia do comércio.

Sei bem teu filho, ó cidade marítima,
Tenho no sangue o instinto da partida,
O amor dos estrangeiros e das nações.

Oh não me esqueças nunca, ó cidade marítima,
Que eu te trago comigo por todos os climas
E o cheiro do café me dá tua presença.

RIBEIRO COUTO

(Noroeste e outros poemas do Brasil)

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Chuva

A chuva fina molha a paisagem lá fora.
O dia está cinzento e longo... Um longo dia!
Tem-se a vaga impressão de que o dia demora...
E a chuva fina continua, fina e fria,
continua a cair pela tarde, lá fora.

Da alcova fechada em que estamos os dois,
vê-se, pela vidraça, a paisagem cinzenta:
a chuva fina continua, fina e lenta...
E nós dois em silêncio, um silêncio que aumenta
se um de nós vai falar e recua depois.

Dentro de nós existe uma tarde mais fria...

Ah! para que falar? Como é suave, brando,
o tormento de adivinhar — quem o faria? —
as palavras que estão dentro de nós chorando...

Somos como as rosais que, sob a chuva fina,
estão lá fora no jardim se desfolhando.

Chove dentro de nós... Chove melancolia...

(Jardim das Confidências)

Noite monótona de um poeta enfermo

Fuma... Vendo subir o fumo azul, esquece,
o poeta boceja e ergue os braços... Que tédio!
Obrigado a ficar, nesta noite de maça,
numa alcova que cheira a doença e remédio.

Da sala de jantar esquecida a calada
chega, fanhosa, a voz do relógio: dois horas...
E, sonambulamente, a última pancada
fica a errar em sutis reticências sonoras.

Já meia noite! Na cidade principia,
lá pelos cabarets, o delírio... E não entendo
Se pudesse sair... procurar a alegria...
E parece maior, mais vasto o seu erro.

"...Não creio... — Pois verás: hoje eu brigo com ela..."
E na alameda: vão passando alguns repuxos.
Passaram... e através dos vidros da janela
morre no ar um rumor de bolas e de frases.

Vem-lhe então um desejo amoleciso de adotar
uma mulher, quase mulher, quase menina...
A lâmpada vermelha esfumaça no teto
um vulto enorme de cabeça feminina.

A moléstia... o silêncio... a tristeza do ambiente...
Tenta em vão reagir contra o tédio enervante.
Ah! passar essa noite isolado e doente...
E os livros? E' verdade... Os amigos da estante!

Põe-se a ler. Dentro dele um êxtase começa.
Sente uma anestesia estranha dos sentidos...
Oh! que felicidade incomparável essa
de sentir a ler os seus livros queridos!

As horas fogem... Vem a carícia do sono...
E o poeta, sentindo o prazer da quietude,
diz consigo: "Afinal, eu gosto de abandono,
mesmo quando me falta um pouco de saúde".

Tem sono... E' delicioso o seu lençol de linho...
Estira-se... Tem sono, a cabeça lhe pesa...
E adormece a chorar docemente, baixinho...
Longe, pensando nele, há uma velha que reza.

(O Jardim das Confidências)

A vigília da mãe fatigada

São duas da manhã. E espera desde as nove...
Sabe Deus por onde anda o filho, que trabalha!
Vem da rua um rumor de água corrente. Chove.
Fatigada, a máscinha adormece na mesa.

Mas um golpe de vento esfuzia na porta
e ela, sobressaltada, assustada, desperta,
ergue a cabeça à claridade meio morta,
vai abrir a janela e olha a rua deserta.

Benta-se... Ouvindo ao longe um lamento lamuriento,
faz o sinal da cruz, arrepiada de medo.
Depois, apura o ouvido. E logo, num sorriso:
"Que medrosa que sou! E' o rumor do arvoredo".

Tanto que lhe pediu não tardasse! Debalde.
E' toda noite assim, esse martírio lento!
E os quartos de hora das igrejas do arrabalde
rolam das torres, como súplicas ao vento...

Pobre velha! Ao pensar, de cabeça confusa,
no que tem que fazer assim que o dia nasça,
toda a se espreguiçar, desabotoando a blusa,
vai, pela última vez, espiar pela vidraça.

E a chuva cai... Então, à janela entreaberta,
olha: numa expressão de abandono e de mágoa,
a rua se prolonga e se perde, deserta,
com reflexos de espelho em cada poça d'água.

Recolhe-se a tremer. Uma dor muito fina
lhe apunhala um pulmão... Mas antes que se deite
vai até o oratório e acende a lamparina:
uma chama pequena a dançar sobre o azeite.

Reza... Nossa Senhora é que lhe sabe as penas.
Reza... A Nossa Senhora ela tudo confessa.
E a santa, olhando-a bem, de pupilas serenas,
dá-lhe esperança ouvindo uma nova promessa.

Depois abre uma porta: eis a cama do filho.
Vazia! E contemplando essa alcova quieta
diz baixinho, enxugando os dois olhos sem brilho:
"Pobres mães a quem Deus deu um filho poeta!"

Deita-se... De manhã, mal calçando a chinela,
vai ver a alcova: o filho dorme, as mães ao pátio...
Já um pouco de sol que entra pela janela
põe dourados de pó no aposento desfeito.

E em meio àquele desalinho pitoresco
Acha a decifração dessa noite passada:
sobre a mesa um papel rabiscado de fresco
e um cheiro de mulher na roupa abandonada...

(O Jardim das Confidências)

O Desconhecido

Quem é esse que está, sob a lâmpada morta,
infantil, a chorar debruçado na mesa?
Olá, rapaz, que tens? Conta... Contar conforta.
E em tua boca eu sinto estrangulada, presa,
a confissão que assim, sob a lâmpada morta,
entre livros, terá mais tristeza, tristeza...

Pôs os olhos em mim: pobres olhos molhados
em que o pranto desceu como que um véu vermelho.
Conta o que tens... Enxuga os olhos desgraçados...

E ele chorava para mim, dentro do espelho.

(O Jardim das Confidências)

Domingo

A noite cai sobre o domingo divertido.
O céu amplo, em que o sol já se escondeu, alem,
está flamante, esmaltado, colorido.

Passei o tempo a ler, nesta melancolia
que é meu mal delicioso e meu magoado bem.
Para mim o domingo é um monótono dia.
Afinal, quando a noite acariciante vem,
começo a olhar, na sombra, a aleta vasta.
E murmuro: "Por que será que espero alguém?"

Entretanto, lá fora, há o tumulto da vida.
Lá fora o povo passa a cantar... E ninguém,
ninguém sabe que a noite chega, dolorida...

(Poemetos de tristeza e de melancolia)

Atlântico

A tarde estava turva, ébrida:
a baía meio encoberta
e o céu ameaçando chuva.

De repente, um raio de sol...
E espalha-se uma claridade:
no céu há nuvens luminosas,
as águas da baía ofuscam.

Me entenda, ameaçava chuva...

Agora vem um vento fresco,
um vento salgado, marítimo,
que dá desejo de partir...

Oh! as ilhas que estarão lá longe,
perdidas, brilhando no meio das águas!

(Poemetos de tristeza e de melancolia)

Caixãozinho branco

Pela encosta da colina, subindo devagar,
vai o cortejo de meninotas risonhas
atrás do caixãozinho branco a balançar.
As mais velhas vão carregando o caixãozinho.
São quase moças. Já podiam ser mães.
Mas vestem de branco... Levando o caixãozinho
parece que estão aprendendo a ser mães.

A vila ficou lá, distante, melancólica.
Foi um afilhadinho do senhor vigário que morreu.
Tinha apenas três meses. Uma pobre criança
que a piedade do senhor vigário recolheu.
E o cortejo vai subindo, devagar, a colina.
Na vila melancólica o sino dá adeus.

Pela encosta vermelha, entre o meio verde,
lá vai o cortejo de meninotas risonhas.
Vão de branco, com fitas azuis no cabelo,
indiferentes aos ramalhetes de flores murchas
apertados nas mãos distraídas, inocentes.
Vão contentes, atrás do caixãozinho.
O pio de um pássaro, no meio do meio,
diz com doçura: "Boa viagem, coitadinho!"

E o cortejo alegre sobe, devagar...

(Poemetos de tristeza e de melancolia)

Contentamento

Este ar tranquilo que me envolve,
A mansidão que me penetra,
Na noite fluida, transparente,
E' tudo quanto eu desejava.
Que mais me falta, Deus louvado!

A lua vem, entre as ramagens
Do jardim que dormem na sombra,
Fazer-me a suave companhia.

Esta doçura espera em tudo
(Que noite para amar a vida!)
Bem sei porque me pôs nem dúvida.
E' a serenia anônima do céu
Para a minha alma de homem gente.

Meu Senhor, minha boca é pobre
Para dizer toda a verdade,
Tudo que sobe do meu peito.

Meu Senhor, à minha família
Dá sempre saúde e paciência;
Aos meus amigos dá fortuna;
E ao mais indigno dos teus filhos
Este humilde contentamento.

(Poemetos)

João Magó

Preto velho, tua mãe
Era trêmula, doente,
E teus pés, pesadamente,
Se arrastavam pelo chão.

Ia longe o tempo mau:
Capitães, matos, cafusas
E umas negras carnes nuas
A sangrar no bacalhau.

Ao morrerem linhas te
Em que Deus te deixaria
Ir ao céu no mesmo dia
Ver a Princesa Isabel.

(Província)

Polêmicas

Os jornais que chegam até estas serras
Estão cheios de polêmicas furiosas.
E' poesia! Não é poesia!
Uns discutem duros, de ar agressivo,
Outros discutem maciamente.

Diante dos canários-de-fogo e dos coleiros
Que pousam ávidos na relva da praça
Catando bichinhos que Deus criou para eles,
Todas as contradições são inúteis,
Todos os problemas estão resolvidos aos meus olhos
Pela aceitação da simplicidade.

E' poesia? Não é poesia?
Quem saberá jamais?

(Província)

V

Fomos Andando pela várzea tranquila.
Nos quintais os canteiros estavam cheios de flores.
As borboletas voavam tontas no perfume.
— Olha quantas flores! Quantas borboletas!"
Eu disse apenas: "—E' a primavera".

Então te lembraste de que estamos em outubro.
Puseste um dedo à boca, pensativa.
Como a calcular até quando vai a primavera.
Tiveste um sorriso e disseste: "Ah!"

Fomos andando pela várzea tranquila.
Um ar tão doce nos pousava no rosto!
Erguemos a cabeça para o céu azul:
Tivemos a sensação de um perfeito contentamento
Caminhando assim, leves e saudáveis,
Pelo arrabalde cheio de sol e de flores.

Apertaste o meu braço e ficaste silenciosa.
Senti que eras toda alegria de viver.
Compreendi a íntima voluptuosidade que te agitava
Sorri apenas, adivinhando... "E' a primavera".

(Província)

PRODUTOS NACIONAIS

I

Cachaça

Doce exalação da canaiça
Que perfuma o ar desta sala!
Depois do gole aperitivo
O ardor enérgico se infiltra
Pelas veias do homem cansado.

Não es para as bocas nicrosas,
Cachaça do povo humilde
— Perdição e ventura do povo humilde!

II

Café

Sabor de antigamente, sabor de família,
Café que foi torrado em casa,
Que foi feito no fogão de casa, com lenha do mato de casa

Café para as visitas de cerimônia,
Café para as visitas de intimidade,
Café para os desconhecidos, para as que pedem pousada,
para toda a gente,

Café para de manhã, para de tardinha, para de noite
Café para todas as horas do riso ou da pena,
Café para as mãos leais e os corações abertos,
Café da franqueza inefável,
Riqueza de todos os lares pobres,
Na lua hospitaleira do Brasil.

III

Fumo

Cigarro de palha, fumo cheiroso,
Coisa tão simples!

Rede que embala,
Grilos que cantam,
Vozes tão mansas!

Sala tranquila,
Rua em silêncio,
Noite tão fresca entre setas morrer!

(Província)

Cemitério

Velho cemitério com túmulos desfeitos,
Com grades enferrujadas,
Com mármores encardidos,
Com campas cobertas de mato
E cruzes de letreiros ilegíveis!

Enfeitadas de papel sem côr,
Urnas de lata pintada guardam retratos:
Retratos de mulheres esquecidas,
Retratos de homens esquecidos.
Olhando através de vidros sujos.

Não tenho aqui nenhum parente, nenhum amigo.
Mas ah! como estas sepulturas me entristecem.
Parece que guardam parentes, que guardam amigos.
Pobres criaturas que tiveram vos, que tiveram gestos.
Que deram risada, que se aborreceram,
Que existiram como eu mesmo existo neste instante.
Pobres sombras de há muitos anos, para sempre mortas.
Perdidas num cemitério de província!

(Província)

CONTEMPORÂNEA -- 1.ª Série - Antologia da Poesia – VI - Ribeiro Couto

V

Santos

Não me abandones, Nossa Senhora do Monte Serrat,
[illegible] da minha família,
[illegible] da cidade comercial
[illegible] em demanda do porto,
Acompanha a todos os que sabemos apelar
[illegible] os olhos presentes ou a memória aflita
[illegible] o teu santuário no alto do morro,
[illegible] branco, a surgir dos bananais da encosta!

[illegible] ainda, por muitos anos, piedosamente,
[illegible] 8 de Dezembro levar-te uma vela, no meio
[do povo,
[illegible] a pé o monte exhaustivo.
[illegible] no trampo da minha infância,
[illegible] ingênua adoração do mistério infalível!

(Noroeste e outros poemas do Brasil)

Santos

X

Conquita, Bilu, Das Dores, Senhorinha,
Onde estais vós, meninas do meu tempo?
Vossas tinham cachos, outras tinham tranças...
Moravam na vizinhança, daquele tempo.
Onde estais vós, vivas ou mortas, lindas ou feias?

Conquita pulava na corda e brincava de pique,
Das Dores gostava mais de cantar de roda,
Senhorinha era rica, tinha orgulhosos laços de fita,
Bilu dizia histórias, contos de fadas,
[illegible] conversava baixinho comigo,
[illegible] comigo.

[illegible] de mim, sombra do vosso tempo,
[illegible] que venho cismar nas ruas de outrora
[illegible] com tristeza as cachinhas antigas,
[illegible] jardins há pés de sabugueiro,
[illegible] os mesmos que perfumavam nossos brinquedos?
[illegible] que cantam de roda e pulam na corda
[illegible] teem cachos, outras teem tranças?
[illegible] vossas filhas, do vosso amor ou das vossas penas?
[illegible] talvez Senhorinha ande aí pelo mundo.
([illegible] de joias, de laços de fita, sabe Deus como.)

[illegible] infância, adeus, morreu toda a inocência!
[illegible] imagens fieis que habitam comigo
[illegible] devagar para a serenidade,
[illegible] os meus anjos, imagens fieis!
Vinde voar assim, com camisas de roda,
Vinde bater na casa, anjos do meu tempo,
Vinde cantar em voz velada ao meu ouvido
[illegible] que com doçura eu receba a morte.

(Noroeste e outros poemas do Brasil)

Consolações do caboclo devoto

Um ranchinho à beira t-chão!

(Toada paulista)

Virgem do Rosário,
Sua casa cheira,
Cravo e laranjeira,

(Moda mineira)

Virgem do Rosário,
Lhe acendi uma vela,
Vento apagou ela.

Virgem do Rosário,
Vela que me importa?
Minha mãe é morta.

Virgem do Rosário,
Fui pescar no rio,
Agua até sumiu.

Virgem do Rosário,
Que o rio me deixe.
De que serve peixe?

Virgem do Rosário,
Planto uma roçada,
Ver formiga, e nada!

Virgem do Rosário,
A formiga come
E' porque tem fome,

Virgem do Rosário,
Se lembar eu vou,
Milho já queimou.

Virgem do Rosário,
A quem mãi não tenha,
De que adianta tenha?

Virgem do Rosário,
Quando um ranchio ache,
Vento bota abaixo.

Virgem do Rosário,
Para mim sozinho,
Para que ranchinho?

(Cancioneiro de Dom Afonso)

Toadas do Wittenburgerweg

Andam cada vez mais tristes
Estas toadas que eu canto.

Já hoje que aqui me vistes
Não tereis surpresa alguma:
Sabeis porque andam tão tristes
Estas toadas que eu canto.

Já hoje que aqui me vistes
Conheceis meu sealanto:
Vozes perdidas na bruma.

Sabeis que essas vozes tristes
São as vozes com que eu canto.

(Cancioneiro de Dom Afonso)

Anoitecer em Amsterdam

Na loja de flores,
Ainda sonolenta, Quem há que resista?
Que tornasol que cores!

De pressa, floriam.
Embarco amanhã.
Quero todas as flores de Amsterdam.

Afonso, lá fora, na noite que desce,
Olha o céu nos canais. Que cores!
Que luz no céu profundo!

Aos ermos e todas as capitais do mundo!
Depressa, depressa.
Vou morrer amanhã.

(Cancioneiro de Dom Afonso)

Modinha do exílio

Os moinhos teem palmeiras
Onde canta o sabiá.
Não são artes feiticeiras!
Por toda parte onde eu vá,
Mar e terras estrangeiras,
Posso ouvir o sabiá.
Posso ver mesmo as palmeiras
Em que ele cantando está.

Meu sabiá das palmeiras
Canta aqui melhor que lá.
Mas, em terras estrangeiras,
E por tristezas de cá,
Só à noite e às sextas-feiras,
Nada mais simples não há!
Canta modas brasileiras.
Canta — e que pena me dá!

(Cancioneiro de Dom Afonso)

As asiladas

Vestidas de cinzento, com escapulários vermelhos ao
[pescoço,
A saia comprida, o ar humilde e infeliz,
passeam as asiladas a caminho da missa.

Vão duas a duas, olhando idiotamente para os lados
num silêncio de disciplina habitual,
Talvez quisessem falar, talvez quisessem rir,
porque a manhã é bela e o sol dá impetos.

Talvez quisessem correr pela rua afora, à sombra das
[árvores,
porque o sol da manhã infiltra no sangue a alegria da
[vida.

No entanto vão caladas, duas a duas, o ar humilde.
Um pouco atrás, como um pastor impelindo o rebanho
[de ovelhas,
vem a irmã de caridade, com o amplo hábito preto,
um pássaro de linho branco abrindo o vôo sobre a cabeça
e um longo rosário a oscilar no seio, com o crucifixo
[pendente.
A fila das asiladas vai passando.

E na manhã de sol, de tons intensos,
na manhã onde parece que há bandeiras de guerra
[desfraldadas,
é manso e neutra a mancha dos vestidinhos cinzentos
[que vão para a missa.

("Um homem na multidão")

Os brejos

A boca da noite,
quando a sombra gelada começa a estender-se pelos
[campos,
vem dos brejos da redondeza
uma respiração opressa e rítmica,
uma ronqueira vaga e sonora:
é a tímida música dos sapos no entardecer.

Que desconsolo nessa toada monocórdia!

Agora é a estação das águas.
Durante meses as chuvaradas
alagarão estradas e campos...

E à boca da noite, pelos brejos,
principia a surdina mansa dos sapos.

Tímida música monótona,
ronqueira sonora dos brejos
que parece vir de um grande peito doente...

("Um homem na multidão")

Noite

Neste lugarejo em que hoje moro
a noite é calma. E' tão calma!
Não se escutam vozes e há poucas luzes.
Verdadeiramente, eu vim a conhecer a noite
aqui, neste lugarejo em que hoje moro.

Os campos estendem-se frios e silenciosos
com estradas ermas onde vagam pirilampos.

Oh! vida antiga na cidade enorme!
Oh! vida agitada, frenética, vertiginosa,
quando o meu sangue ardia!

Agora, neste humilde lugarejo, à noite,
em torno de mim tudo é paz e mansidão.
Tambem em mim tudo é paz e mansidão,
dentro da noite.

("Um homem na multidão")

A invenção da poesia brasileira

Eu escutava o homem maravilhoso,
o revelador tropical das atitudes novas,
o mestre das transformações em caminho:

—"E' preciso criar a poesia deste país de sol!
Pobre da tua poesia e da dos teus amigos,
pobre dessa poesia nostálgica,
dessa poesia de fracos diante da vida forte.
A vida é força.
A vida é uma afirmação de heroismos quotidianos,
de entusiasmos isolados donde nascem mundos.
Lá vai passando uma mulher... Chove na velha praça...
Pobre dessa poesia de doentes atrás de janelas!
Eu quero o sol na tua poesia e na dos teus amigos!
O Brasil é cheio de sol! O Brasil é cheio de força!
E' preciso criar a poesia do Brasil!"

Eu escutava, de olhos irônicos e mansos,
o mestre ardente das transformações próximas.

Por acaso, começou a chover docemente
na tarde monótona que se ia embora.
Pela vidraça da minha saleta morta
ficamos a olhar a praça debaixo da chuva lenta.
Ficamos em silêncio um tempo indefinido...
E lá em baixo passou uma mulher sob a chuva.

("Um homem na multidão")

Diálogo sobre a felicidade

"— Bendito seja o teu país".

"— Estrangeiro que viste encontrar no meu país
o bem que em vão no teu mesmo procuraste,
obrigado, estrangeiro".

"— Aqui vim ser feliz.
Aqui é a terra da abundância e da fortuna.
Aqui vim ser forte, rico e feliz".

"— Obrigado, estrangeiro".

"— Aqui ficarão vivendo os meus filhos.
Aqui nascerão os meus netos.
Aqui, saudoso embora do meu país,
fecharei os meus olhos.
Deus abençôe o teu país".

"— Estrangeiro, ainda uma vez, obrigado.
Eu sei que é verdade tudo quanto dizes.
Mas, ah! ensina-me:
qual é o caminho que leva ao teu país?
Qual é o caminho? Diz, estrangeiro...
Eu quero ir-me! Eu quero ir-me!
Eu tambem quero ser feliz, estrangeiro!"

("Um homem na multidão")

Insônia

O latido dos cães, na noite sem lua,
dá-me pavores vagos.
Por que latem aqueles cães lá longe?

As árvores, ali fora, estão imoveis.
Nem um sopro de vento bole nas folhas.
E tudo tão negro, na noite sem lua!

Por que latem aqueles cães lá fora?
Quem terá passado na estrada?

Na minha lâmpada as mariposas bateram.
Deve ser tarde.
Os meus olhos esta noite não teem sono.

Ouço o tilinte vigilante de um sinuerro..
E' um cavalo errando pelo pasto.

E lá longe os cães latindo, desesperados,
como se batalhassem,
como se defendessem o lugarejo adormecido.

Noite de insônia inquieta ao pé da lâmpada.

("Um homem na multidão")

O noturno da Vila Aberéssia

A casa deserta adormeceu.
Uma torneira mal fechada, lá dentro,
pinga, num ritmo certo, a sua gota sonora.
Esse rumor é o único rumor da vida.

A casa deserta adormeceu.

A luz elétrica tem a claridade lívida
das salas de jogo às três da manhã.
Entretanto, alumia uma sala esta
cheia dos meus pensamentos melancólicos.

A vida sempre foi amarga para alguns.

Vem da noite fria, na estrada,
a surdina fanhosa dos insetos tímidos.

Ali em baixo, na vila adormecida,
cabecelam, amortecidas, algumas luzes.
E' a pobre vilazinha dos tísicos.

A vida sempre foi amarga para alguns.

("Um homem na multidão")

Os companheiros do outro tempo -- Mucio Leão

De todas aquelas árvores amigas, a que mais me ficara na lembrança, por que mais lhe ficara no coração, era o velho jambeiro.

Como, havia, na sua saudade, outras árvores. Havia, vasta, uma certa mangueira-bravia, cheiosa e hirsuta, espalhada no cimo solitario de um morro, ao no engenho. Havia, tambem no engenho, uma certa jaqueira frondosa, que prendia os banhos do rio. Em suas folhas, de um verde queimado, quase negro, era gostoso espiar o voo — tão vermelho, cortando os galhos — dos sanquesbeiros, e havia, ainda no engenho, as quatro palmeiras dominadoras da frente da casa grande, as quatro palmeiras em cujas folhagens os bentevis iam cantar de tarde e sob as quais bravam ruminando as reses, depois do trabalho nos canaviais.

A um dessas arvores, havia outras. A cajazeira da povoação por exemplo. Era tão vasta, tão ampla, tão convidativa... E como se multiplicava em frutos, amarelos, que se espalhavam, cheirando, pelo caminho, como convites irresistiveis...

Essas arvores lhe eram quasi indiferentes, porem. Porque as suas arvores, as que lhe ficaram dentro do coração, eram bem outras...

* * *

Era o abacateiro, que nasceu com ele, que ele viu crescer dia a dia, subindo para o sol e para o ceu e que ele via esperar ansiosamente todos os anos, na esperança de ver brotar da ponta de um galho tenro o primeiro "fruto" que viesse. Esperança baldada! La teve que partir, um dia, para a vida e para a luta, deixando a arvore adolescente, antes que ela tivesse produzido o seu primeiro fruto!

Sua tambem era o cansado pé de fruta-pão, que havia perto das bananeiras. A amavel companheira que era aquela arvore! Seu fruto era delicioso, e era ela que fornia os mansos bois, as vacas tranquilas, com que a criançada passava os dias a divertir-se.

Seu igualmente era o sapotizeiro da chacara vizinha, o sapotizeiro que estendia para o quintal dele os braços cheios de frutos, o sapotizeiro que pertencia aos outros, mas que parecia só florir e só frutificar para ele.

Seu ainda era o imenso gerapagueiro, plantado no meio daquela terra imensa, Que delicia, encontrar pela manhã o chão coalhado de gerapagos que cheiravam a mel!

E eram suas ainda outras e outras arvores: uma certa mangueira que as mãos de sua mãe tinham plantado... uma certa jaqueira, vista não saberia mais onde, porem da qual se apossara, fazendo-se dono daquelas folhas maravilhosas que se agarravam, rachando, ao tronco, como cachorrinhos nas tetas de uma cadela.

Sim: todo esse largo jardim cheio de arvores magnificas era dele!

Mas nenhuma dessas arvores lhe ficara no coração, na saudade suave e enternecida como lhe ficara o velho jambeiro...

* * *

O jambeiro era exatamente defronte do quarto de Tico. Seus galhos caiam mansamente sobre o telhado, e não era raro ver sobre eles os gambiás, que desciam fazendo um barulho dos diabos. Nas tardes quentes era bom ficar debaixo da sua sombra, conversando com Tico, ouvindo historias velhas — tão velhas, ai! — que só falavam de coisas mortas, de gente morta, de um mundo irremediavelmente morto...

O jambeiro florescia e frutificava mecanicamente para aquela criança infantil. Desde o perto do chão, seus frutos se ofereciam: nunca chegavam a amadurecer, porem, porque as maçãnhas inquietas os colhiam desde que ainda estavam verdes.

Ia-se subindo nos galhos facéis, e cada um deles galhos parecia ter sua propriedade peculiar. Um deles, a direita, dava os jambos maduros e macios. Um outro, a esquerda, desfrutava-se em pequenos frutos, que pareciam ter acumulado em si todo o acucar da arvore generosa. Era delicioso passar as tardes ali, colhendo uns e outros, não obstante a ameaça da surpresa de alguma lagartixa agil, que as vezes descia rapida, e não obstante tambem o brado que, de vez em quando, soava la embaixo, de uma pessoa grande que estava impaciente:

— Menino desce dessa arvore!

Qual! o jambeiro era tão aprazivel, tão gostoso era ficar la em cima, entre as verdes folhas acariciadas!... Que importava os outros gritassem la em baixo?

* * *

E um dia vieram dizer-lhe que o velho jambeiro tinha sido posto abaixo... Um proprietario precisava de modificar a disposição da velha casa, e, como a arvore era um obstaculo aos seus planos, a destruiu.

Ele nada disse, não reclamou a maldade sem nome. Apenas encolheu-se, caminhou para uma sala vizinha, contemplou no espelho sua cabeça, la quase toda coberta de cabelos brancos.

Naquele momento — uma saudade calada, numa saudade humilde, numa saudade numa dolorosa que as outras saudades todas — sentiu que havia perdido o mais duce, o mais fiel, o mais desinteressado dos seus companheiros de infancia...

O QUADRO DA ACADEMIA BRASILEIRA EM 1943

Com a entrada do sr. Menotti del Picchia para a Academia Brasileira, na vaga de Xavier Marques, está completo o quadro da casa de Machado de Assis. Será talvez ocasião de apresentarmos algumas estatisticas da imortalidade ao leitor que goste desses assuntos de literatura.

+

Por Estados os academicos assim se distribuem:

Para — Osvaldo Orico;

Maranhão — Viriato Correia, Ceará — Clovis Bevilacqua e Gustavo Barroso;

Rio Grande do Norte — Rodolfo Garcia;

Paraiba — Pereira da Silva;

Pernambuco — Antonio Austregesilo, Adelmar Tavares, Olegario Mariano, Celso Vieira, Mucio Leão, Barbosa Lima Sobrinho e Manoel Bandeira;

Bahia — Afranio Peixoto, Xavier Marques, Octavio Mangabeira, Pedro Calmon e Clementino Fraga;

Distrito Federal — Magalhaes de Azeredo, Alceu de Castro, Fernando Magalhães, Roquette Pinto, Miguel Osorio de Almeida, Alceu Amoroso Lima;

Estado do Rio — Alaulpho de Paiva, Levy Carneiro e Oliveira Vianna;

São Paulo — Rodrigo Octavio, Claudio de Souza, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Cassiano Ricardo, Macedo Soares e Menotti del Picchia.

Santa Catarina — Affonso de Taunay;

Rio Grande do Sul — Aleides Maya, João Neves da Fontoura e Getulio Vargas;

Minas Gerais — Ildeu Lobo.

Mato Grosso — D. Aquino Correia;

Alagoas — Filinto de Almeida.

Vê-se que faltam os Estados federais, em maioria de Academias — são Pernambuco e São Paulo, que contam sete imortais cada um. Segue-se o Distrito Federal, com seis. Vem depois a Bahia, com cinco, o Rio Grande do Sul com três. Há Estados que não estão representados na Vistar: o Acre, o Amazonas, Piauí, Sergipe, Espirito Santo, Paraná e Goiaz. Destes, o Acre e o Amazonas, o Espirito Santo e Goiaz nunca tiveram representante "sous la coupole". Piauí tem um — Félix Pacheco; Sergipe tem três — Sylvio Romero, João Ribeiro e Laudelino Freire.

+

Por estados — [illegible]

E' presidente da Republica o sr. Getulio Vargas.

E' arcebispo, D. Aquino Correia.

São jornalistas os srs. Viriato Maya, Rodolfo Garcia, Roquette Pinto, Fernando Magalhães, Guilherme de Almeida, Celso Vieira, Ribeiro Couto, Mucio Leão, Amoroso Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Pedro Calmon, Cassiano Ricardo, Viriato Correia, Manoel Bandeira e Menotti del Picchia.

São medicos os srs. Afranio Peixoto, Abayse de Castro, Roquette Pinto, Miguel Osorio de Almeida, Claudio de Souza, Fernando Magalhães e Clementino Fraga.

São diplomatas os srs. Magalhães de Azeredo, Hélio Lobo e Ribeiro Couto.

São professores os srs. Clovis Bevilacqua, Rodrigo Octavio, Afranio Peixoto, Xavier Marques, Antonio Austregesilo, Fernando Magalhaes, Roquette Pinto, Adelmar Tavares, Miguel Osorio de Almeida, Alceu Amoroso Lima, Pedro Calmon, Clementino Fraga, Barbosa Lima Sobrinho, Viriato Correia, Manoel Bandeira, Oswaldo Orico e Levy Carneiro.

São funcionários publicos os srs. Gustavo Barroso, Aleides Maya e Affonso de Taunay, diretores de Museu; Rodolfo Garcia, diretor da Biblioteca Nacional; Mucio Leão, agente geral de Imposto do consumo, Pereira da Silva, funcionário da Central do Brasil, Oliveira Vianna, ministro do Tribunal de Contas; Barbosa Lima Sobrinho, diretor do Instituto do Acucar e Alcool.

São magistrados os srs. Rodrigo Octavio, Alaulpho de Paiva e Adelmar Tavares.

São ex-ministros de Estado e ex-parlamentares os srs. Getulio Vargas, Fernando Magalhães, Olegario Mariano, Octavio Mangabeira, Pedro Calmon, Barbosa Lima Sobrinho, João Neves, Levy Carneiro, Clementino Fraga, Viriato Correia e Macedo Soares.

São engenheiros os srs. Alceu de Almeida, Claudio de Souza e Macedo Soares.

São lavradores os srs. Olegario Mariano e Menotti del Picchia.

+

Por Estados — [illegible]

Um inédito de Ribeiro Couto

Navio pirata

Navio pirata
Num mar confidente,
Levando ouro e prata;

Percorre caminhos
Sabidos sòmente
Dos gênios marinhos;

Pela madrugada
Um luz cansada
Olha nas vigias;

E outra luz responde.
Nas aguas vazias
— Não se sabe de onde.

Ribeiro Couto

1942
Do "Cancioneiro do Ausente".